

16,00

**Graça Aranha — “O meu proprio romance” — S. Paulo —
1931**

Esse livro seria, se Graça Aranha tivesse podido completá-lo, um admirável depoimento sobre a vida brasileira. A morte interrompeu o labor fecundo do estheta da *Viagem Maravilhosa* e, dessa fórma, só nos ficou o início da obra que, embora incom-

pleta, ou melhor, apenas esboçada, tem um lugar de relevo em nossa literatura.

Que obra extraordinaria seria essa de Graça Aranha que, mesmo refugiado em sua vida interior, exercia tão poderosa influencia no pensamento brasileiro!

Dona Nazareth Prado, admirável companheira, discipula fiel do mestre, escreveu harmonioso prefacio para *O meu proprio romance*, que foi publicado pela Fundação Graça Aranha.

Exemplar № 02624 *

F. G. B.

o
Meu proprio
R o m a n c e



Graça Aranha

O
Meu proprio
Romance

1931

Companhia Editora Nacional. Rua dos Gusmões 26-28

d

NAZARETH





GRAÇA ARANHA com 5 anos de idade



A Fundação Graça Aranha, cumprindo as determinações constantes da doação que lhe fez, em vida, o seu Patrono, publica o seu trabalho inédito — O Meu Proprio Romance — que elle deixou, apenas, principiado. Entregamos, emocionados, este livro ao Brasil. Deveria ser um trabalho alentado, em quatro volumes, mas a morte impediu o Mestre de completal-o. Algumas paginas simplesmente, mas ellas revelam o espirito dessa obra, as suas tendencias, os seus merecimentos e a significação que teria essa biographia, na historia do Brasil, nos ultimos quarenta annos.

A Fundação Graça Aranha, querendo dar um testemunho fiel de como Graça Aranha escreveu esse trabalho nos seus ultimos mezes de vida, sollicitou a Senhora Nazareth Prado esse precioso depoimento, que ella traçou com segurança e viva admiração, nas paginas que



se seguem, onde os leitores encontrarão preciosas informações, que emprestam auxilio inestimavel á leitura do trabalho.

Escreveu a Senhora Nazareth Prado:

“A Viagem Maravilhosa tinha sido entregue aos editores. Graça Aranha, que temera não levar a termo o seu grande romance, sente-se feliz e vive alegre. O physico, por mais que a doença grave fosse destruindo, mantinha-se rijo, disposto, sem entorpecimento nem fadiga. Illusão de plenitude de forças. A juventude era vivaz e só os cabellos brancos denunciavam a idade. Entre seus amigos moços era o mais joven, sempre o mais vibrante. Foi nessa época, em 1928, que nos communicou a intenção de iniciar o seu livro de Memorias, que denominaria “O MEU PROPRIO ROMANCE” Começou logo a traçar-lhe o plano e a tomar algumas notas, segundo seu systema habitual de trabalho, registrando factos, occurrencias, idéas ou impressões, de que mais tarde se valeria.

“Graça Aranha transpoz-se ao passado e reviveu-o. Compoz as primeiras paginas, no apartamento da “Casa Allemã”, na Praça Floriano. Como sempre, trabalhava pela manhã, escrevendo rapido o que mentalmente já estava feito. Tudo isso, porém, exigia esforço forte de memoria, fatigava-o e a sua producção era pequena. A saude limitava-o dolorosamente, reduzindo-o á contingencia de escrever pouco, quando mais vehemente era o impeto de criação. Nesse livro, Graça Aranha contava renovar o romance de sua vida admiravel, os prodigiosos e variados aspectos da sua acção, onde intelligencia, sensibilidade e decisão se conjugavam numa personalidade singular e rara.

“Continuou a trabalhar no livro, quando duas perturbações desviaram a sua constancia. A campanha da “VIAGEM MARAVILHOSA”, ao ter de assistir a um debate apaixonado, vibrante, mas não raro mesquinho e perverso, em torno do seu grande romance. Se ja-

mais a sua serenidade soffreu, houve excessos que lhe chocaram o coração generoso, esse coração que deixou de bater um dia, sem nunca se ter conformado com a baixaza ou a miseria dos homens. Esse espectáculo degradante o fazia soffrer. Quando em Agosto de 1930, passou a residir á Praia do Russell, dispoz-se Graça Aranha a entregar-se inteiramente ao seu livro. A segunda e mais grave perturbação o ameaçava. A 3 de Outubro rebentava o movimento revolucionario e na noite de 4 para 5, nós o vimos quasi morrer. O choque da revolução salvadora por pouco lhe fizera estalar o coração e a custo foi salvo. A debilidade, porém, era extrema e, logo que se refez, no dia seguinte, do abalo, falando a uma pessoa querida, elle chorou, na certeza de que não escreveria mais o seu livro.

“Em Graça Aranha, porém, não havia tempo para desillusões. Reanimou-se e logo acreditou na vida. Estamos em Novembro. Graça Aranha retorna á actividade. Continúa a escrever, a compor, a reunir documentos. Aos

seus intimos, lê, transfigurado, algumas paginas. Mas o trabalho vae se tornando de mais a mais difficil, não o mental, sempre claro e translucido, mas o esforço material, de escrever. Poucas linhas o fatigam. Elle proprio não se apercebe, mas aquelles que estão ao seu lado se inquietam. Dezembro. Janeiro. Graça Aranha prosegue. Tem de novo a illusão da melhora e acredita que uma viagem á Europa, em que pensava constantemente, lhe seria agora possivel, chegando mesmo a reservar passagens em navio, que partiria em Abril. Por essa época, os acontecimentos politicos muito o interessavam e acompanhava os primeiros passos do governo revolucionario com a maxima preocupação. Insistia sempre que a revolução devia ser integral, reformando, não só praticas administrativas, mas por igual, dando novos fundamentos á sociologia brasileira. Escreveu, num momento de entusiasmo, o "Canto do Revolucionario", em que synthetisa e exalta o seu pensamento. Por essa época, solicitado pelo maestro Lorenzo Fernandes, fez

a adaptação de “Malazarte”, para libreto de opera, que esse compositor tenciona escrever em torno do seu drama. A saude, porém, continua precaria e resente-se ao menor esforço.

Na tarde de 24 de Janeiro, Renato Almeida o procura e o encontra transfigurado, pallido, absorto. Estava entregue, pela ultima vez, ao seu romance. “Sou assim — explicou elle ao seu amigo, que lhe estranhava o estado — preciso concentrar-me para lembrar bem os factos e tomar as minhas notas... Mas passou. ” Dois dias depois, a desgraça. E o livro estava inacabado, melhor diriamos, apenas começado. O plano ficou, é certo, e talvez um dia, um discipulo tome a si a tarefa de escrever, dentro d'elle, a biographia do grande escriptor. Será o prolongamento da sua emoção, que se estancou tão cedo, separando-nos de uma das mais altas figuras de pensador e artista, que já produziu esta terra.

“Quem esteve uma vez siquer ao lado de Graça Aranha não esquecerá nunca o encanto de seu convivio. Nelle

tudo era perfeito e a todos impunha a fascinação de sua personalidade, fosse pela intelligencia luminosa, pela incomparavel ternura, pela segurança do character. O seu espirito foi sempre uma harmonia perfeita, como harmonioso foi o seu pensamento e a sua arte. Viveu realizando-os e teve na idéa pura a suprema razão da existencia.

“Afastava-se do mal, do vulgar, de todas as mesquinhas, por uma repulsa natural a meios onde não poderia viver o seu espirito. Dahi a serenidade, que não foi postura artificial da intelligencia, mas a sua propria e profunda concepção da vida. A sua delicadeza sentimental foi, por muitas vezes, empecilho ao desenvolvimento de suas actividades sociaes e politicas. A renuncia era a defesa sempre á mão contra tudo que pudesse lhe attingir á harmonia espiritual, pela qual se communicava com as coisas e realizava a philosophia da fusão no Todo Infinito.

“Que maravilhoso espetaculo humano seria relatado neste livro, que não pode terminar ! Contava escrever

publicar, desde já, 3 volumes, deixando o 4.º para ser editado posteriormente. Era a historia surpreendente da sua imaginação.

“Esta imaginação mythica, quando infantil, apoderou-se da sua vida, de todas as forças mais profundas e secretas do seu espirito e foi amoldando o universo a ella, e foi subordinando tudo ao seu imperio. Em vez de subordinar-se ao mundo, ás forças phisicas, domina a realidade e transfigura todas as coisas.

“Assim se espraia, não só intimamente na criação espiritual, na liberdade interior, como tambem na vida exterior, na relatividade e na contingencia. Escrevia impellido por uma força que o leterminava e como que o contrariava. Se fosse sempre senhor de si mesmo, não escreveria nunca. Deixar-se-ia ficar na delicia de imaginar, recordar, viver, unicamente no seu proprio espirito. A’s vezes a imaginação fatigava-o e o levava ao torpor e ao somno, o que não raro procurava voluptuosamente para sonhar. Sempre o instincto da liberta-

ção o impulsionava e assim realizou a sua vida inteira. Aos preconceitos sociais oppoz a sua vontade soberana. Sempre a libertação. A sua imaginação infantil foi prodigiosa. Desde muito criança imaginava-se privilegiado e destinado a grandes coisas. Vivia um ente maravilhoso, um personagem, dominador pela belleza, pela intelligencia, pela audacia. O seu criado Sabino alimentava essa fantasia. Desde cedo elle teve uma coragem intellectual, uma decidida affirmação de suas opiniões. Não temia nada. O seu orgulho era ser sincero e audaz. A sua rectidão sempre foi uma expressão de amor proprio. O que devia ser acção tornou-se evasão, ansia de libertação. E os seus livros foram sempre de evasão, de libertação, com que transformava toda a realidade.

“Graça Aranha tinha o dom da poesia elevada e transcendente. A superioridade do seu julgamento era notavel. E que disciplina espiritual, que independencia das paixões inferiores ! A sua alegria era constante. Tinha alerta o espirito criador, a invenção

permanente, o interesse apaixonado por tudo. Trabalhava com uma espontaneidade maravilhosa e tinha sempre achados pittorescos e singulares.

“O seu espirito sempre entusiasta. Uma mistura de brilho, de profundez, de agudeza, realmente magnifica. Procurava sempre ver o mais longe e mais fundo possivel. A alegria lhe inspirava a intelligencia e todos os seus movimentos physicos e moraes.

“O seu espirito tendia a uma universalidade cosmica que não se podia delimitar nas linhas horizontaes latinas. Aproximava-se mais do verticalismo gothico. Este, porém, seria ainda uma disciplina linear para a vastidão espirital que o transfigurava. O seu parentesco era mais com os espiritos do Oriente, com os bramanes do vedismo, que são absorvidos na unidade do universo. Toda a sua aspiração era libertar-se, sahir do contingente para o absoluto. “Chanaan” foi uma evasão. “Malazarte” outra, “A Viagem Maravilhosa”, a libertação de toda a relati-

vidade, realizando a unidade do Cosmos pelo amor. A “Esthetica da Vida”, que nega toda a realidade, que reduz todo o universo a espetaculo, foi a synthese philosophica da volta á inconsciencia cosmica.

“Graça Aranha tinha o jogo mephistophelico ou *malazartico* das coisas. Eu encontrava nelle um intenso parentesco espiritual com Goethe e que semelhança physica descobria entre ambos! A mesma belleza nos traços e na expressão. Perfil marcado por linhas graves e accentuadas, fronte vasta de grande pureza, nariz mais ou menos igual, bocca de labios finos, grandes olhos vivos e luminosos. Os de Goethe seriam escuros, os de Graça claros, solares. E que profunda affinidade de espirito entre elles! O mesmo grande genio livre, extremado interesse pela natureza e pela vida, a mesma disciplina espiritual, a mesma superioridade no julgamento. Graça Aranha tinha um grande e constante interesse pelo grande poeta e me explicava: “Foi Goethe que me curou do mal de Rousseau...”

“O poeta torna-se criador. E o seu impulso o afasta do tradicionalismo e o faz revelar mundos novos. Elle teve sempre a modernidade da concepção, do espirito, da technica. Assim na “Viagem Maravilhosa” a lingua é viva, agil, alegre, luminosa, profunda, saborosa, rica de todos os tons e a phrase é musical de rythmos multiplos, infinitos, provocando emoções profundas e aladas. A orchestração é extremamente rica de instrumentos. As palavras vibram como metaes e resoam como cordas. Em geral a sonoridade é alta, formada por uma espontanea successão de vogaes claras. Mas a essa elevação de sons se contrapõem vozes baixas e profundas de consoantes produzindo a trama maravilhosa da phrase. Na multiplicidade dos rythmos se passa da fuga grave, larga, apollinea, para o jazz tumultuoso, dissonante, dynamico, syncopado. Assim a phrase descreve em medida larga e fluente a serenidade de Philippe e Theresa no paraíso. Logo em seguida vem a musica barulhenta, sacudida, o maxixe trepi-

dante, allucinante, de mil timbres, do carnaval. Essa profusão de rythmos torna viva, rica, seductora, a musicalidade do romance immortal.

“Neste primeiro volume inacabado do “Meu Proprio Romance”, a grande obra de Graça Aranha, lemos, emocionados, a vida maravilhosa do menino prodigioso, inegalavel, com a sua imaginação ardente, sua sensibilidade indefinivel, de uma bondade infinita e desde pequenino vivendo uma vida em perfeita harmonia com as suas idéas e seus actos. No principio, o menino imaginativo vive numa exaltação permanente. Os seus animaes são entes fantasticos, companheiros singulares, que se engrandeciam para o seu deslumbramento. Depois eram os brinquedos, as representações que figuravam vidas extraordinarias de aventureiros. Os estudos preferidos, que se abriam á sua prodigiosa imaginação, eram a geographia e a astronomia. E nessa força imaginativa explicava a sua philosophia.

“Datado de 28 de outubro de 1927, escreveu Graça Aranha o seguinte plano

para “O Meu Proprio Romance” : “O methodo para escrever esta historia pessoal será o da analyse dos meus sentimentos, dos meus mais secretos desejos, das tendencias mais recalcadas desde a infancia e ao mesmo tempo o da analyse dos factos e acontecimentos em que se desenvolveu o meu ser. Eu fui um ente normal? Que é um ser normal? Se fui anormal, em que consiste a anormalidade? E porque ella se revela assim? Critica da psychanalyse e a adopção do seu methodo, apesar do erro inicial do mesmo, que consiste na impossibilidade de conhecer-se com toda a sua exactidão a psychologia infantil. O espirito de libertação foi o meu supremo animador. Sob o seu impulso construi a minha existencia. Indagar *porque* este espirito de libertação. Hereditariedade? Revolta? Aspirações?”

“Evidentemente nas poucas paginas que escreveu, não lhe foi possivel desenvolver esse plano, que é, por assim dizer, a essencia psychologica da autobiographia do Mestre. Quasi só deixou

reminiscencias e apenas uma vez ou outra, o trabalho iniciado fixa problemas fundamentaes e estas deveriam ser o eixo de toda a obra. Graça Aranha procurou sempre com minucia extraordinaria a fidelidade dos factos e sua irrecusavel exactidão. Essa foi sempre uma das suas maiores preocupações. Não fazia nada apressado e as coisas superficiaes lhe mereceram sempre desprezo. Quando, em trabalho alheio, que lhe era mostrado, encontrava taes falhas, indicava-as e censurava-as rigorosamente. “Devemos estudar sempre os assumptos à fundo”, insistia elle e assim o fez sempre.

“Em “O Meu Proprio Romance” Graça Aranha procurou seguir a risca esse methodo. Quando lhe faltavam certos pormenores, recorria a pessoas amigas, que os conhecessem, e a sua evocação do velho Maranhão, pelo qual mostrou sempre a mais irresistivel ternura, elle o fazia com o maior encanto. Procurou e fez vir as photographias que illustam este livro, e as mostrava aos amigos, com o mais

vivo interesse. Esse prazer de recordar não era, para Graça Aranha, um derivativo de saudade. Era a renovação de outras tantas emoções, numa sensibilidade diferente. Esse jogo de comparar a emoção do mesmo facto em momentos diversos foi sempre uma especie de exercicio mental muito do seu agrado. Por isso não tinha impressões definitivas e affirmava, orgulhoso, as mutações do seu pensamento, as variações de sua sensibilidade.

“Uma idéa foi constante no espirito de Graça Aranha, a da libertação. Procurou vencer sempre as relatividades da existencia e teve o heroismo de não transigir, em circumstancia alguma, com qualquer conveniencia ou vantagem. Aos homens, quaesquer que fossem as suas posições, falou sempre de igual a igual e não soffreu nunca a tentação da fortuna ou do mando. Obedeceu ao imperativo da sua personalidade e, assim, pode, pouco antes de morrer, escrever : “Ah ! goso indizível, supremo, incomparavel, esse de affirmar a sua libertação ! E o fazer com risco, sem

temer miseria e soffrimento materiaes !
Eu pauperrimo, exposto ao perigo da
mais horrivel penuria, nada receei quan-
do tive de renunciar a cargos vanta-
josos. Jamais cogitei de interesses,
quando defendia a minha libertação.
A ineffavel ventura, que esta me deu
sempre, fez-me esquecer as miserias da
coexistencia humana.

“Trago em mim o espirito da victo-
ria. Uma secreta força me conduz
para vencer todos os obstaculos. Se
entrei na vida de olhos fechados, con-
tinuo assim. Olho para dentro de mim.
Vou atravessando a existencia como
uma fatalidade vencedora. Em todas
as campanhas em que me empenhei
sempre fui victorioso.”

“Este livro, que a “Fundação Graça
Aranha” entrega ao publico, é um co-
meço apenas. E’ um simples inicio de
uma grande obra, que não escreveu,
mas que essas poucas paginas são suf-
ficientes para marcar o valor e o mere-
cimento. Não as tendo escripto, perde
a nossa literatura um grande livro, a
historia do Brasil o depoimento de um

homem que viveu intensamente a sua existencia nos ultimos quarenta annos, e os que o amaram e admiraram o prazer de recordar na sua vida, o exemplo e a grandeza de uma figura extraordinaria, o esplendor de uma personalidade fulgurante.”

A Karaveth.

O meu diffiil nacemento parece marcar o curso da vida, que me prendeu ao conhecimento. Foi pela ciencia de um medico uny, que vi na tarde de domingo, de 21 de junho de 1868, na cidade de S. Luiz do Maranhão, quando eu estava conhecido a' avóla para saber minha mãe. A ciencia avançou me de conhecimento. Realizou-se em mim a formação de meu pensamento philosophico.

A liberdade da minha vida está no espirito de liberdade que animou meu ser moraf desde a infancia até a velhice. No doze annos liberdade me da ideia de liberdade de um meu ser uny. desde então a minha vida foi uma aspiração de conhecimento por um conhecimento a' alma para do universo. Liberdade de pensamento, volúdes e a' meu diffiil de pensamento catholico. Liberdade me da do o' tempo. A na apparença fyi: conhecimento as coisas moraf conhecimento, fyi for uma attitud geometrica. Quencia



Perbence á ^I *Fundação Graça*
Aranha

O MEU difficil nascimento parece marcar o signo da força, que me prendia ao inconsciente. Foi pela sciencia de um medico inglez, que vivi na tarde do domingo de 21 de junho de 1868, na cidade de S. Luiz do Maranhão, quando eu estava condemnado á morte para salvar minha mãe. A sciencia arrancou-me do inconsciente. Realisou-se em mim a formula do meu pensamento philosophico.

A unidade da minha vida está no espirito de libertação, que animou o meu ser moral desde a infancia até a velhice. Aos doze annos libertei-me da idéa religiosa. Aboli em mim o terror inicial. Desde então a minha vida foi uma aspiração de conhe-

cimento e por este conhecimento tomar posse do universo. Libertei-me do preconceito politico e, o que é mais difficil, do preconceito esthetico. Libertei-me de todo o terror. Se na apparenciã fiquei circumscripto ao circulo moral contemporaneo, foi por uma attitudo pragmatica, nunca por uma subordinação convencida. Desenvolvi o congenito dom de sympathia humana. Activei em mim a bondade. Procurei fazer o menor mal possivel. Se a minha vida não se assignalou por grandes feitos sociaes, o drama interior foi intenso e fecundo. O meu caso é de um homem em constante libertação espirital e, sob esta inspiração, construindo a sua existencia. A minha vida tem sido a perfeita harmonia entre as idéas e os actos. Realizei e vivi o meu pensamento. Se tal exemplo concorrer para a libertação de outros espiritos, será isto um magnifico feito humano.

Nada poderia contribuir para o meu incessante progresso intellectual, como o

espírito de negação. Aos doze annos neguei Deus, aos quatorze neguei o direito natural, aos quinze neguei o principio monarchico e o direito á escravidão. Dos dezeseis em deante accrescentei ás minhas negações, a libertação esthetica. Quando cheguei ao Recife, aos treze annos e meio, encontrei Tobias Barretto. Para receber a sua força educativa de negação e critica, o meu espirito estava preparado com a iniciativa da negação religiosa, que realizei por mim mesmo. O prestigio de Tobias Barretto foi fascinante. Eu estava apto para receber todas as demolições do direito natural e da theologia e propagar todas as revoltas contra a metaphysica, contra a ordem politica e social.

De onde me veiu esta furia destruidora, esta paixão libertadora, que não me abandonou nunca? Positivamente, ao que foi autonomico, restrictamente pessoal, germinado em mim pelo choque do meu temperamento com as idéas recebidas, juntaram-se

correntes hereditarias, que me impulsionam o sangue ardente e não me permitem repouso na ansiedade de negar, de saber e de construir renovando. Quaes foram ellas? Impossivel determinal-as. Se me volto para as minhas origens maternas, uma linhagem de politicos, magistrados, generaes, almirantes, advogados. Toda de gente ligada ao Estado, girando pacificamente dentro da ordem, salvo duas excepções, de irmãos de minha mãe, o general, antigo official do estado maior do Duque de Caxias, que não se subordinou ás dictaduras de Deodoro e Floriano e cujas attitudes o levaram á prisão e á reforma, e o joven capitão Adolpho, ardego companheiro de Deodoro e Senna Madureira na questão militar e que morreu ao se proclamar a sua sonhada republica. Do lado paterno as origens remontam a um donatario de capitania, Bento Maciel Parente, de onde se gerou uma profusão de capitães-móres e homens de guerra, que sob os nomes de

Maciel Parente, Maciel Aranha, Teixeira, Tenreiro Aranha, vararam as terras e os rios do Maranhão, do Pará e do Amazonas, em um furor de descoberta, de civilização, de escravização e morticínios de índios. Depois tudo se acalma, estes furiosos extinguem-se e os seus successores lavraram mansamente as terras que os antepassados ensanguentaram. Já o meu avô paterno, apesar de herculeo como a velha gente dos Aranhas, era lavrador socegado e filho de lavrador. A sua primeira mulher, minha avó, devia ser microscópica como as suas irmãs nanicas, que ainda conheci. Eram denominadas as “pharóes”, o que fazia rir aos que as vendo tão pequeninas, ignoravam a procedencia da extranha alcunha. Estas cabia honrosamente por serem irmãs do rapaz genial, José Candido de Moraes e Silva, o nativista fioso, que no seu jornal o “Farol Maranhense”, enfrentou a reacção dos corcundas, os lusos insubmissos á nova nacionalidade brasileira e preparou no norte

a revolução de sete de abril, tirando desta as consequências extremistas, promovendo motins populares, batendo-se nas ruas de S. Luiz, perseguido pelo governo, preso, maltratado, morrendo aos vinte e seis annos, na aureola da adoração de uma nação infante. Mais tarde, João Francisco Lisbôa consagra esta veneração continuando o “Farol Maranhense” do numero, em que o interrompera José Candido, com o mesmo sentimento nacionalista e liberal, porém sem o mesmo folego e o mesmo imprevisto combativo. Se este respeito á memoria do “Farol Maranhense” era de toda a gente, na minha familia a sympathia tornou-se culto. Fui criado neste culto. Imaginava esse tio glorioso como o mais fascinante dos jovens. Nada me encantava como ouvir de meu pae a narrativa das suas proezas, que eu exaggerava, engrandecia nos meus sonhos acordados. Era o guia, o modelo da minha infancia. Era o heróe do meu sangue. Ainda hoje em qualquer combate

de idéas, em toda acção arriscada, em que me empenho, sinto vir a mim, de muito longe, a sua imagem, que me fortalece a audacia e a tenacidade.

Não foi privilegio meu ter sido uma criança imaginativa. O privilegio foi a imaginação governar toda a minha vida, impulsionar a minha actividade, dirigir-me, elevar-me e ao mesmo tempo enfraquecer-me e paralisar-me. Pelo excesso de imaginação e pelo goso de imaginar não produzi muito e muitas vezes abandonei a acção apprehendida. Afinal o sonho me fatigava e me entorpecia deliciosamente, dolorosamente. O terror perseguiu-me muito na infancia e gerou um mysticismo animista, primitivo. Eu imaginava todos os seres animados. As minhas plantas, os meus bichos, estavam carregados de densos mysterios. Deviam dar-me a boa ou má sorte. Este exercicio do jogo com as coisas generalisou-se extranhamente. Eu deitava sorte com tudo o que me apparecia. Para co-

nhecer de antemão se um desejo meu seria satisfeito, recorria a esse jogo secreto. Por exemplo, se ao passar por um cachorro na rua, elle latia, era signal de insuccesso. Se aquelle homem, que vinha na direcção opposta, continuava o seu caminho indifferente a tudo, eu me rejubilava porque tudo correria bem para mim. Jogo arbitrario, improvisado, sem methodo, sem regras, mas jogo em que se fatigava a minha imaginação, na indagação ansiosa e fortuita. Nesse desbragamento imaginativo crescia o terror dos bichos, dos cães, dos bois, das cobras, das borboletas pretas, dos passaros agouzeiros. Quando alguém ia morrer em casa ou nas familias amigas, tudo me apavorava, as corujas, ou urubús que grasnavam, pairando sobre a cidade, as borboletas escuras que invadiam os quartos. Esta imaginação animista transformou-se mais tarde, ainda na infancia, em fervor religioso, gerado pelo terror. Aos sete annos, tendo engulido carções de pitomba, veiu-me doloroso emba-

raço intestinal. Fiquei entupido. Foi então que na angustia da minha tortura secreta, depois de todo o esforço inutil para me desembaraçar, com vergonha de communicar a outros o meu vexatorio incommodo, fiz a S. Benedicto a promessa de tornar-me seu devoto, seu irmão. O santo preto executou promptamente o milagre. Alliviou-me. Insisti depois com meus paes para me fazer entrar na irmandade do santo milagroso. Este extranho pedidó não foi satisfeito sem uma indagação do motivo, que o movia. Meus paes sempre foram de extremada meiguice para com os filhos. Desde a minha infancia a nossa amizade foi uma deliciosa camaradagem. Ainda assim me limitei a dizer-lhes que se tratava de uma promessa, sem confessar-lhes a razão desta. Era o pudor que me inhibia a confissão, pudor, vexame, que sempre me envolveu como uma veste protectora. Graciosamente o meu voto foi cumprido. Na primeira procissão de S. Benedicto appareci muito ufano

na igreja de S. Antonio, onde era o culto do milagroso popular. Vestia a minha opa branca, de sobrepeliz, capuz e cordões castanhos e tomei o meu posto entre os numerosos irmãos, no meio da profusão de anjos captivos e de toda uma multidão de pretos e brancos, de senhores e escravos nivelados na devoção exaltada. Desde então a religiosidade se foi desenvolvendo em mim até o exagero. Todos os meus vagares eu os passava nas igrejas em missas, novenas e procissões. Tornei-me familiar dessas cerimônias, conheci intimamente as suas variantes, tomava partido como um velho e ocioso devoto entre as irmandades rivaes. Tornei-me freguez do Santissimo da Sé, envergando a opa vermelha dos meninos do côro e pelas ruas acompanhando a pé o viatico ás casas dos enfermos. A semana santa era um deslumbramento para o meu espirito ardente. Passava o dia inteiro na igreja, que era a Sé, em cujo largo estava a minha casa. Impregnado de incenso, de

balsamo, do perfume das flores, exaltava-me nos officios da treva e da paixão, enfeitava os altares do Senhor dos Passos, do Senhor dos Navegantes, de Nossa Senhora das Dores, seguia de opa roxa as procissões pelos “passos”, abertos sobre as ruas, iluminados e festivos, e, quando a “veronica”, mostrando á multidão a sacrosanta imagem ensanguentada, cantava plangente o espasmo dilacerante da Mater Dolorosa “ó vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte, si est dolor sicut dolor meus”.

Oh! que lagrimas puras, de tristeza e melancolia, eu derramava! O caroço de pitomba germinara em mim a extranha, a aterradora e ramalhuda arvore da devoção religiosa.

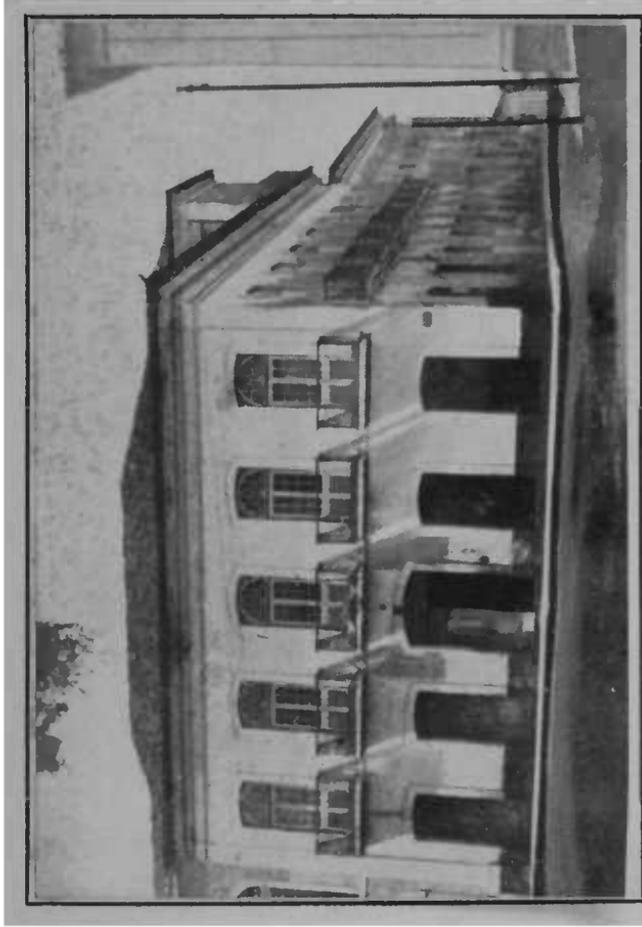
Como se deu a transmutação desse estado de espirito para outro da exaltação do conhecimento scientifico, deve tambem ter sido sortilegio da minha imaginação. Os estudos pelos quaes me interessei apaixonadamente na infancia foram os da astrono-

mia e da geographia. Por aquella me abyssava no mysterio celeste, era o companheiro das estrellas, e queria saber as leis supremas do Universo. Pela geographia era a maravilha das terras desconhecidas o que mais me attrahia. Aos dez annos escrevi um desenvolvido trabalho sobre a Africa, compillado de Elysée Reclus, da viagem de Stanley e de outros livros da bibliotheca de meu pae, raros na cidade. Mais tarde a passagem de Venus no disco solar em 1882, exaltou-me. Meu pae expandia a sua vocação de astrónomo firmada quando estudante no observatorio do Rio de Janeiro. Eu seguia o phenomeno em um telescópio installado por elle e outros estudiosos, no cáes da Sagração. Numa tenaz preparação eu indagava nas conversas com meu pae e nos livros especiaes tudo o que me podia esclarecer com precisão do que se ia passar e quando me deixavam espiar na luneta, não era um menino tolo que via um ponto negro no disco solar.

Era um pequeno presumpçoso que se maravilhava com o cumprimento de uma inexorável lei astronómica.

Dos quadros da minha infancia nenhum exerceu no meu espirito magnetismo igual ao da casa, em que vivi, quatorze annos, no largo do Palacio. Nasci na rua da Estrella numero dois, na primeira casa á direita na grande ladeira que desce para a Praia Grande, centro do commercio que as aguas da bahia não banham. Dessa casa não tenho recordação. Quando a deixamos eu não tinha dois annos. Mais tarde eu a contemplava e imaginava o seu silencio interior naquelles tres andares elevados e esse silencio imaginativo tinha a força de me entristecer. Da segunda casa, no fim da rua Vinte e Oitó de Julho, restam tenues reminiscencias que não sei se residuos verdadeiros da memoria ou imagens justapostas e fabricadas com o que me iam narrando docemente. Vejo-me no corredor interno deante de uma grade de madeira pintada

de verde, espiando para os carneiros, porcos e perús que viviam embaixo no quintal. Foram talvez os mais fortes attractivos da minha longinqua infancia e com elles comecei a improvisar o vocabulario animal e humano, que está na raiz da linguagem primitiva. Vejo-me nos braços de alguem, olhando muita gente na rua, á noite, gritando e carregando lampeões coloridos, accesos. Era uma passeiata patriótica de commemoração da victoria brasileira no Paraguay. Fizeram-me balbuciar vivas á republica. Nada mais eu vejo ou imagino ver nessa segunda casa. Os meus olhos abriram-se logo depois á magia da casa do largo do Palacio. O seu ambiente incorporou-se de tal forma ao meu espirito infantil, que pensar nelle, invocal-o, resuscital-o, é transfigurar-me no menino imaginoso, é perder tudo o que adquiri de cultura e perversidade e voltar ineffavelmente á candura exaltada, aos primeiros jactos criadores de emoção e belleza. A grande casa, larga e



Casa onde GRAÇA ARANHA viveu até retirar-se do Maranhão.
Largo do Palácio. (1870-1884).

sobretudo profunda, é uma pessoa viva na minha lembrança. Ella via uma paizagem que a engrandecia. Do alto da barreira dominava o cães da Sagração, olhava a praia do Cajú, e, estendendo o olhar por cima do convento de Santo Antonio, deliciava-se mirando o gracioso largo dos Remedios, onde Gonçalves Dias sobre a palmeira de marmore espera ouvir o sabiá, que não vem nunca. O olhar da casa afunda-se para além, para a Gamboa do Matto e para a Currupira e não podendo attingir ás quintas de Roma e Bom Gosto, atira-se por cima do Anil, não se demora em Vinhaes, porque passando pela Pedreira, vem voltando para S. Marcos, de atalaia a fazer signaes aos vapores e navios, que querem entrar no porto arriscado, pela Ponta da Areia, onde um tiro do velho canhão do forte antiquado, annunciava o paquete do Sul. Marés de S. Luiz, que se differenciam extranhamente durante o dia. Encontro timido do Bacanga e do Anil, que o mar

perturba e salga as aguas mansas. Foge a maré para longe e as corôas de areias espraíam-se e entopem o porto. Pode-se atravessar com agua pelas canellas, a pé, da cidade para a ponta de S. Francisco, e se os vapores não partirem depressa, ficarão para sempre presos nas corôas de areias, como o “Hibernia”, o vapor do cabo, na corôa da Minerva, onde se foi esphacellando durante longos annos, por entre os combates encarniçados dos tubarões e dos espartates. A maré enche num cheiro de melancia, que é o odor dos tubarões. As corôas submergem, cáe o vento e sobre as aguas correm, porfiando á vela, as canoas dos pescadores e os escaleres da policia maritima e da alfandega. Passa-se o anno inteiro nesse vae e vem diario das marés. Assim foi desde seculos e assim será para sempre. O sol, a dois graus do equador, equilibra dias e noites, numa temperatura igualmente calida. Não ha crepusculo. Não ha côres. Tudo é luz.

A grande casa protege-se desta claridade, dentro das grossas paredes de pedra e cal, nas immensas salas e nos vastos quartos. Na sombra, a tepida frescura equatorial. O que houver de vento, circulará suavemente pelas varandas e corredores. Na frente da casa, as corpulentas amendoeiras do largo do Palacio. Moleques debaixo das arvores, pedradas para derrubar as amendoas, inveja dos meninos olhando das sacadas da janella. Carneiros, cabras e bodes soltos devorando o capim de burro, calcetas capinando o largo por onde passam ás nove horas e ás tres da tarde, os empregados publicos da secretaria da thesouraria e do Thesouro. Passam matutos deputados provinciaes jungidos uns aos outros, de passos pesados, as cabeças broncas, chatas, passam os politicos da capital bamboleando em grupos morosos, passa o chefe de policia com duas ordenanças. Vão todos ao palacio bajular o presidente da provincia. Calor, modorra, indolencia. Para

mim a inexcedível attracção da casa estava nos seus quintaes, sobretudo no grande quintal de capim, o ultimo aberto sobre a barreira, que descia para o aterro de areia do cães coberta de arvores de mamona, que á tarde eram colhidas pelos pobres velhos da vizinhança para fabricar azeite. Esse quintal era o meu reino de menino. Ali nos reunimos, todas as tardes, uma tropilha de crianças, as de casa, minhas irmãs e meus irmãos, as da vizinhança e os moleques e as negrinhas, crias das familias. Eu era o chefe do grupo e sob a minha inspiração inventavam-se as brincadeiras. Uma vez no quintal, todo o senso da realidade se eclipsava. Passavamos ao plano da fantasia e nos transmudavamos em personagens das nossas comedias infantis. Os meninos eram cavalleiros montados em carneiros, ou em tabocas, fogosos corceis. Tinhamos pagens que naturalmente eram os moleques. As meninas eram princezas, ornadas de trepadeiras de S. Caetano, cujas

flores amarellas ou frutas vermelhas se dependuravam por entre as folhas verdes. Viviamos em campos differentes e vinhamos fazer as nossas visitas ás meninas princezas, montados em nossos ginetes. Uma vez reunidos improvisavamos dansas, jogos, torneios, em que nos esfalfavamos de fadiga e calor. Era á noitinha quando as criadas vinham cessar os jogos, dos quaes nos arrancavamos transfigurados, renitentes a voltar á realidade quotidiana. Subiamos desesperados para que tudo tornasse á mentira na tarde seguinte. Minha mãe recebia os seus dez filhos com inexgotavel ternura. As criadas nos preparavam para dormir, depois do banho. Vinhamos todos para a merenda, mingau de milho ou de arroz, que minha mãe distribuia em tigelas. Na funda sala de jantar, na grande varanda, minha mãe sentava-se numa cadeira de balanço. Em volta della, bem junto, ajoelhavam-se os filhos, vestidos de compridas camisolas brancas, ajoelhavam-se no se-

gundo plano as crias da casa e as criadas. Minha mãe puxava a reza, que todos repetiam, enquanto os sinos da Sé tocavam a ave-maria. Finda a reza, iam para as nossas caminhas, separados em quartos diferentes, os meninos e as meninas, guardados pelas criadas. Enquanto, já de noite, os meus irmãosinhos dormiam, eu velava. Era outra hora desejada, porque a velha Militina me contava as historias maravilhosas do seu vasto repertorio. A imaginação, que durante a tarde se corporificava nas brincadeiras do quintal, trabalhava pela noite a dentro, transportada nos contos e nas lendas.

Esta velha Militina foi uma das educadoras essenciaes da minha imaginação. Alimentou-me o espirito infantil de historias de mil e uma noites, de narrativas medievaes, quando não me entretinha com os episodios tenebrosos da chronica maranhense. De mistura com os genios do anel e da lampada, com as monjas santificadas,

por Nossa Senhora, ainda vejo o inglez assassinado pelo preto que foi o ultimo enforcado da cidade e está sempre esperneando na corda. Militina era uma mulata branconá, de cabello cacheado, pequenina, enrugada, mirrada, de cara marcada pela bexiga. Tinha alguma educação, certa exaltação espiritual, memoria fiel de historias lidas ou ouvidas, e um dom de contar muito attrahente. Vivera com varios padres, de quem aprendera phrases de latim macarronico. Foi uma dessas "mulas sem cabeças" muito communs então no Maranhão. Entrou no nosso serviço já madura e permaneceu na companhia de minha mãe, envelhecendo, até morrer suavemente em terra, que não era o seu Maranhão. Cresci sob os seus carinhos. Quando della fui me separando pelos estudos e pela idade, os progressos do seu menino a tornavam ufana. Realizavam-se as suas profecias, baseadas no exame do meu craneo, onde pretendia encontrar as mesmas boças aus-

piciosas, que vira num padre genial, a sua grande paixão.

Na parte terrea dessa enorme casa, meu pae installara a typographia e a redacção do seu jornal "O Paiz" Vivi sempre em contacto com os operarios. Meu pae entendia que todo o homem devia ter um officio. Aprendi a ser typographo e durante annos tirava sempre duas horas por dia para essa aprendizagem. Cheguei a uma certa destreza na arte e pude, com immenso orgulho, prestar a meu pae um auxilio considerado relevante. Era um domingo em principio de 1878, quando meu pae recebeu o telegramma do Rio annunciando a queda do partido conservador e a formação do gabinete liberal de Sinimbú. O "Paiz" tinha de dar boletim. Por mais que fossem procurados os typographos, nenhum, naquelle domingo vadio, foi encontrado. Apenas vieram o impressor e um dos tocadores do prelo. Na afflicção em que vi meu pae, sempre tão zeloso em servir o seu publico,

offereci-me a compor o boletim. Executei-me como pude, compuz o boletim e ajudado pelo impressor e paginador, tivemos a grande alegria de o imprimir e o ver distribuido nessa mesma tarde preguiçosa. Esta proeza de um pequeno operario, voluntario, de dez annos, envaideceu meu pae, cujo orgulho por mim foi sempre exaltado e commovente.

Fui o seu jogo, o seu brinquedo, o seu amor. Muito precocemente desenvolveu em mim a tendencia para os estudos. Se elle foi um esplendido jornalista, vivo, elegante, se foi um politico inspirado por um fecundo e generoso nacionalismo, se foi um extraordinario animador de intelligencias e energias, sobretudo foi um maravilhoso professor, ardente, culto, com o magico dom da communicabilidade e da fascinação. Ensinava por enthusiasmo. Aos 24 annos, de volta da Escola Central do Rio, fundava um dos mais efficientes collegios, que teve o Maranhão. A saude, sempre inquietante,

obrigou-o a cessar a sua missão educadora. Foi quando passou ao jornalismo, que exerceu como um professorado. Jamais deixou de ter discipulos. Successivas gerações de jovens maranhenses o tiveram como mestre gracioso e inesquecível. Naturalmente, eu fui o seu discipulo estremeado. O meu pendor para o estudo revelou-se muito cedo. Aos tres annos perseguia minha mãe para me ensinar a ler. Meu pae mandou organizar na typographia, uma especie de cartilha alphabetica especialmente para mim. A professora era minha mãe. Assim como tive de aprender um officio, tambem a minha primeira instrucção devia ser maternal. Tudo isto era o systema do grande educador que foi meu pae. Quando minha mãe, sobrecarregada com a criação de novos filhos que annualmente ia tendo, não poude se occupar exclusivamente de mim, resolveram mandar-me como externo a um collegio de meninas. Passei alguns annos nesse sympathico meio feminino, que prolongava



Collegio de N. S. de Nazareth, rua do Egípto
(Maranhão). — Primeiro collegio em que
GRAÇA ARANHA estudou o curso primario
(1874-1876).

a existencia familiar. Devo-lhe principalmente o tom de camaradagem com as mulheres, e a comprehensão das suas sensibilidades, que conservei e fui apurando. Se eu quizesse chamar pelos nomes as minhas amizades mortas ou vivas desse periodo infantil, me responderiam mais vozes femininas do que masculinas.

Não se apagou em mim a forte impressão da minha entrada para esse collegio de meninas. Meu pae, grande amigo da directora, senhora de intenso prestigio na cidade, levou-me um domingo á sua presença. Agasalharam-me com tanta doçura, que fiquei definitivamente preso áquelle ambiente. Designaram para minha professora, a filha mais velha da directora. Como as suas tranças de cabellos pretos eram compridas! Comecei a desmanchal-as ali mesmo, sem timidez e fiquei maravilhado, quando os immensos cabellos abriram-se sobre as costas, cobrindo o corpo até os pés. No dia seguinte foi a primeira aula. Tornei-me,

além de alumno, o pagem da minha joven professora e a seguia pela casa toda, indifferente á disciplina. As meninas eram numerosas e os meninos, por excepção, apenas quatro, um filho da directora, que se tornou meu fraternal companheiro, um filho de um illustre maranhense e outro que permanece esquecido das minhas recordações. Com o meu camarada maranhense tive o meu primeiro combate. Apezar da cordialidade do meu temperamento, sou sujeito a assaltos de violencia arrebatada. Num desses impulsos esbordoiei e feri o meu camarada. A' tardinha desse dia do pugilato, estava eu na janella da frente da casa com meu pae quando vejo surgir do lado da Sé em direcção a nós o menino esbordado com a sua criada. Entraram. Foi a queixa. O menino vinha mostrar a meu pae as escoriações e as echymoses, que se lhe estampavam na cara. Desolação. Obstinado, recusei-me a fazer as pazes. Durante longos annos evitei reconhecer esse camaradâ mofino.

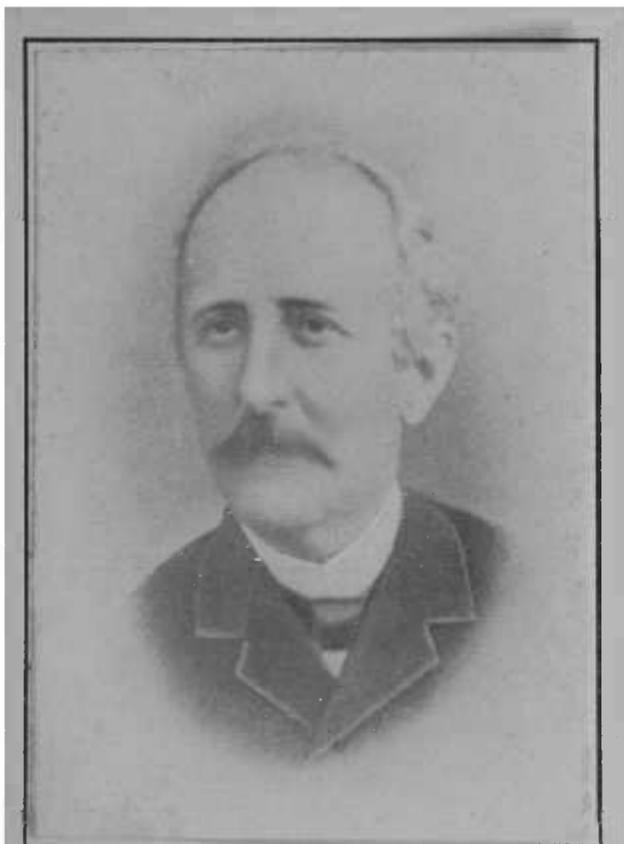
Deixei o collegio aos oito annos e entrei a estudar os preparatorios. Meu pae apoderou-se de mim. Com elle, preparava as minhas lições de portuguez e latim, por onde comecei as humanidades. O seu methodo consistia em trabalhar sob a sua direcção e depois repetir as materias com outros professores. Assim tive, alem de meu pae, dois professores de portuguez e dois de latim, ao mesmo tempo. Só havia vantagem porque a attenção do alumno se concentrava mais, a intelligencia se aguçava e não havia inconvenientes porque os processos, os methodos, os livros eram os mesmos adoptados por cada mestre. De manhã, tres vezes por semana, estava eu em casa do mais moço dos professores de portuguez. A' noite, no curso do velho grammatico Luiz Carlos, o continuador de Sotero dos Rios. Nos outros dias de manhã, latim com o padre Fabricio, reitor do Seminario das Mercez, que sabia de cór os classicos e se comprazia em recital-os partindo do

trecho que o discipulo indicasse. Foi a memoria mais prodigiosa que testemunhei. Em compensação, o outro professor de latim, o velho Trajano, irmão de Sotero, depois de um magisterio de quarenta annos, gaguejava para nos repetir um verso de Virgilio. Esquecia tudo e mesmo de viver. Secco, pequenino, o pobre velho era conduzido na rua pelo vento. Quando apparecia no Canto da Sé, onde o ar se encana, custava a vencer a corrente do vento que o empurrava, o recuava e o fazia dar guinadas ebrias. Das janellas, a criançada gosava o espectaculo e na rua a molecada vinha pateando o illustre mestre na sua dansa quasi aerea.

Dois annos depois eu fazia o meu primeiro preparatorio de portuguez. Foi uma novidade o exame feliz do menino de dez annos. Meu pae exultou. Cresceu-lhe o zelo. Comecei o francez e o inglez. Sempre o mesmo methodo, de multiplos professores. Foi no estudo de francez, que talvez se

mostraram os primeiros signaes do meu temperamento literario. Os classicos portuguezes não me interessaram profundamente. Achava divertidas as anedotas de Manoel Bernardes. De Camões, só Ignez de Castro me agradava. O resto muito cacete. Dos latinos sómente o rythmo de Virgilio me seduzia. Nada tão antipathico do que Horacio, com quem jamais me reconciliei. As primeiras e inesqueciveis lagrimas, que a musica literaria me fez derramar, devo-as a Chateaubriand. Depois da iniciação no francez, o livro de estudo era os "Martyres" O assumpto me arrebatava. Gaulezes, merovingios, christãos, cezares, legiões, perseguições, catacumbas, sacrificios, martyrios, tudo me transportava no vôo da poesia a uma região emotiva allucinante. O encanto maior não vinha do assumpto, estava no rythmo, na phrase. Havia momentos em que esta se apoderava de mim, suffocava-me e o meu unico desafogo era chorar, chorar. Meu pae commo-

via-se com estas crises de emoção que eu procurava recalcar sem poder. Esta primeira erupção da sensibilidade se foi apurando, aperfeiçoando e nunca se embotando. Ainda hoje, cincoenta annos passados, Chateaubriand encontra em mim aquella mesma fiel resonancia dos meus dez annos e os "Martyres", me ficaram para sempre gravados nas cellulas impereciveis, onde se geram e se conservam as emoções da arte. Não reli mais o livro prodigioso. Não esqueci longos trechos e phrases sumptuosas. Quando appareceu o "Quod Vadis", para curar o enthusiasmo de alguns amigos por esse livro falso e nullo, dava-lhes a ler os "Martyres", certo de que o prestigio de Chateaubriand seria avassalador. Que ansia tenho de repetir aqui palavras da musica divina : "Sais-tu, me dit alors la jeune Barbare, que je suis Fée?" A magia do celta resoava em mim como a vibração de uma sensibilidade longinqua e immortal. Quem sabe se as minhas origens não têm



THEMISTOCLES DA SILVA MACIEL ARANHA, pae
de GRAÇA ARANHA

a sua fonte nas mesmas vagas do mar da Armorica ou na mesma seiva dos carvalhos dos druidas e de Velleda ?

Nenhum dos meus estudos apaixonou tanto meu pae como o da mathematica, e o da geographia e astronomia. O alumno da Escola Central estava no seu verdadeiro elemento e alegrava-se em encontrar no seu filho uma disposição identica. Já ás seis horas da manhã a sua voz enthusiastica me despertava cantando : “lenha verde mal acende, quem muito dorme, pouco aprende” Num pulo saltava da cama, preparava-me, tomava o mingau de arroz e ia para a sala dos estudos no mirante. Meu pae me apparecia juvenil, radioso. Na profunda alegria da communhão espiritual a minha intelligencia alava-se. Problemas, equações, figuras, eram acrobacias, cujo jogo e cuja solução me traziam encantado naquelles maravilhosos instantes. Durante o dia estes estudos se repetiam em todas as occasões em que meu pae estava disponivel. Por-

fiava elle em preparar-me rapidamente. Assim, nesse esporte, em dois annos pude fazer com brilho os exames de mathematica. Nesse momento estava destinado á engenharia, sobretudo ao calculo, devendo continuar as inclinações paternas. Só mais tarde as circumstancias decidiram que eu me formasse em direito. De par com os estudos de mathematica, appliquei-me á geographia e á astronomia, de que meu pae era mestre consideravel. A geographia ensinada por elle era uma coisa viva, uma disciplina seductora. Cessava de ser uma nomenclatura de terras e povos para se tornar o ambiente physico e economico do homem. Attrahia sobretudo a attenção dos seus discipulos para as terras do futuro, o Brasil, a Africa, a Oceania. A excitação da minha imaginação foi grande. Todas as terras ignotas e ainda mysteriosas me seduziam. Já referi que compuz nessa epoca um trabalho sobre a Africa, que serviu de guia para os meus condiscipulos. O

gosto da informação exacta ia se impondo ao meu espirito cada vez mais avido de novidade. Porque meu pae possuia livros, como toda a obra de Elysée Reclus, que ninguem conhecia no Maranhão, eu sentia encanto de descobrir essas novidades e dal-as em resumo aos professores e aos collegas. Que decepção tive quando no exame de geographia o meu ponto escripto foi a velha Austria, e do de oral, a conhecidissima Allemanha. Eu que era um turuna das terras novas, selvagens, terras do futuro! Tive de me resignar a escrever sobre o moribundo imperio austro-hungaro, mas no exame oral evadi-me da Allemanha para a astronomia. O ponto de partida foi habilmente procurado, quando, descrevendo os reinos do Imperio germanico, toquei no Wurtemberg. Falei na cidade de Wief. Foi ahi que nascera Kepler. Expuz de cór as suas famosas leis e pedi para escrever as suas formulas na pedra. Sabia-as na perfeição. Podia deduzil-as, o que fiz deante

do auditorio surprehendido. Apesar desse brilharete, não me deram a distincção co-biçada e assegurada pela minha applicação. Deram-me plenamente por causa do meu deficiente exame escripto. Nunca mais perdoei a Austria, culpada do desastre. Vinguei-me della e da Allemanha na guerra mundial. Foi até hoje a maior humilhação da minha vida. Eu, o menino atilado e studiosissimo, filho e discipulo do maior professor de geographia e astronomia da cidade, não ter distincção, era de morrer de vergonha. Entrei em casa em prantos. Foi uma choradeira geral de minha mãe e dos inconscientes da casa, meus irmãosinhos e dos criados. Meu pae escondeu superiormente a sua tristeza. O espirito da victoria insufflou-me sempre. Todo e qualquer insuccesso me tortura indefinidamente. Ainda hoje, depois de tudo que venci na vida, a lembrança desse longinquo e insignificante desastre me aborrece. Quando penso nelle,

sinto ainda vergonha do menino de doze annos, que eu era então.

O estudo da philosophia, que se seguiu, excitou-me muito. Desta vez meu pae não era professor. Entregou-me a dois padres. O curso do famoso padre Fonseca era de manhã no lyceu. O professor era a maior figura do clero do norte e um dos mais conspicuos sacerdotes brasileiros. Alto, secco, pallido, asceta, sabedor, argumentador. Tinha bondade e sarcasmo. Contavam-se os seus rasgos de caridade. Contava-se tambem que uma vez appareceu num baile de carnaval, fantasiado de Diogenes com a lanterna accesa a procurar um homem inverosimil e a fustigar toda a gente com a sua mordacidade implacavel. Jogos ecclesiasticos. Padre Fonseca era a alma do jornal a "Civilisação" Combatia ferozmente a irreductivel incredulidade dos maranhenses, animava a campanha do bispo contra o relaxado clero, afundado na sodomia. Padre Fonseca não temia adversarios.

Provocava-os. Assim atirou-se contra Tobias Barretto e a polemica que se seguiu foi deploravel. Os adversarios acanalharam-se, sem proveito algum para a dialectica de ambos.

Muito differente o outro professor, o padre Gil. Encobria a sua modestia numa grande doçura. Marchava como uma criança nos passos do padre Fonseca, receioso de tomar caminho diverso. O que elle me ensinava era indifferente. Para quem vivia na sarça ardente do terrivel padre Fonseca, aquellas prelecções apagadas, sem sabor, do louro padre Gil incitavam a distracção e o desinteresse. Para isto ainda mais concorria o ambiente dessas aulas. Era no jardim do Seminario de S. Antonio, á tarde depois do jantar. Silencio delicioso. Cantos de passaros, murmurios de repuxos dagua. Seminaristas de negro ao longe passeavam em forma. O padre explicava baixinho em voz sem timbre. O meu espirito pairava metaphysicamente, longe da lição livresca. A

imaginação fazia acrobacias no infinito. Não era isto a verdadeira philosophia?

O que me ensinavam era baseado na summa de S. Thomaz. O curso era em 1881. Em 1879, Leão 13 tinha baixado a encyclica *Aeterni Patris* mandando propagar a doutrina thomasina. Naturalmente os meus professores padres obedeciam religiosamente á ordem do chefe da Igreja. Padre Fonseca punha no seu magisterio o fervor do seu autoritario genio. Foi por essa occasião que o meu temperamento se chocou com o do meu mestre. Neste ingenuo conflicto entre um velho esgrimista da polemica e um menino de treze annos, apontava a aurora do homem livre que eu seria. A questão em debate foi a existencia de Deus. As provas da summa pareciam-me inaceitaveis. A prova do motor immovel tirada de Aristoteles, desenvolvida pelos philosophos arabes da Edade Media e reconstruida por S. Thomaz, era para mim absurda. A hypothese do motor desejo

era demais subtil e ridícula. Na ausência de provas, eu preferia a fórmula de S. Anselmo, adoptada por Descartes, que explica a existência pela essência. A idéa de Deus seria uma idéa innata, indemonstrável. Foi um alarma na aula a minha opposição. A' tarde desse dia para mim memorável, o padre Fonseca veio advertir meu pae dos perigos, que corria a minha fé religiosa. A indulgencia do meu pae foi perfeita. Procurou sondar o meu espirito de negação. Não posso recordar-me das linhas do seu exame, mas é facto que sem estorvo continuei na minha revolta. Por vaidade, por estímulo esta se foi accentuando, crescendo, e antes de se enraizar acabei precipitadamente, negando Deus. O meu espirito voltou ao chãos inicial. Estava prompto para receber a hypothese scientifica, emancipada da theologia, que lhe satisfizesse a ansiedade da explicação do universo.

A casa da minha infancia não foi sómente a deliciosa morada dos divertimentos infantis e dos primeiros ardentes contactos com o conhecimento. Foi tambem ali que eu passara alternativamente das zonas do encantamento ás zonas do pavor. Como em todas as grandes casas maranhenses, essa tinha os seus socavões, os seus subteraneos, os seus quartos escuros. Nesses esconderijos estavam penando as almas dos escravos e não raro os ossos das aves, dos gatos, encontrados nos socavões, eram tidos como de humanos mortos no tronco a bacalhao. O regimen da escravidão não existia em minha familia, mas a casa vinha do passado de outros e trazia comsigo terriveis mysterios. Os negros, que nos serviam, entretiam em nossos espiritos esses terrores. Nenhum menino se aventurava em penetrar nesses logares malditos do casarão. Todos passavam por ahi, de fóra, ás carreiras, fugindo á assombração.

O estado de magia, em que eu vivia, era cultivado por dois dos maiores educadores, que tive na infancia. Já falei da velha Militina que me contava as historias cultas, lendas arabes, portuguezas, transmitidas ao seu menino com accento dramatico e pathetica convicção. O outro mystificador foi o meu maravilhoso Sabino. Esse cafuso teria a idade de meu pae, fôra seu escravo, e uma vez liberto consagrou-se a mim. Militina instruida, Sabino analphabeto, me exaltaram a imaginação. Sabino era madeiro e pescador. As suas experiencias florestaes e maritimas eram inextinguiveis. Caçador de paca e de veado, que só elle! Pescador de rede, de puçá, de arrastão, não perdia tempo no anzol. Conhecia aquellas marés caprichosas, sahia fóra da barra para trazer peixe grande, caminhava sobre as corôas de areia, fazia cercas, curraes e apanhava a peixarada grande e miuda, que era um regalo em casa. Outras vezes desaparecia, deixando-me desespe-

rado com a sua falta. Surgia uma tarde, ao escurecer, immundo, negro, irreconhecível. Vinha do “carvão”, em cujo serviço de abastecimento aos vapores se empregava abandonando caçadas e pescarias. A sua feria permittia-lhe algum descanso. Vestia-se endomingado, não trabalhava, passava o dia a contar-me historias e a beber nas tavernas. Por elle familiarisei-me com o currupira, o caboclinho que tem o rastro ao contrario, que o assombrou no matto e de que se livrou dando-lhe fumo. Por elle entrevi o sacy-pererê, a mula sem cabeça, e todos os agoures florestaes. Mas nenhum maior beneficio lhe devo do que a poesia da mãe dagua. Foi o meu primeiro amor. Sabino me contava com tanto deslumbramento a maravilhosa mulher encantada, que elle vira tantas vezes nas fontes, nos poços, nos rios, que o seu extase gerava em mim uma dolorosa ansiedade. As minhas entranhas agitavam-se mysteriosas, inconscientes no desejo da formosa mãe das aguas.

O conto allucinava-me. Sonhava acordado com a encantada. Quando descobri que para vel-a não precisava ir ao segredo da matta, que ella que estava em todas as aguas, poderia apresentar-se ali em minha casa, surgindo do poço tão fundo, não tive mais socego. A' tardinha fugia dos estudos, das brincadeiras, de toda a companhia, e vinha solitario esperar a mãe dagua. Os meus sentidos perturbados me faziam vel-a ás vezes, e ella me sorria emquanto penteava os seus infinitos cabellos dourados. Este amor me seguiu e me deu a magia pela vida a dentro. Um dia para me desembaraçar da divina obsessão, eu transpuz esta profunda primeira encantação para uma obra de arte. Libertei-me da mãe dagua. Pude amar humanamente. Magia.

Nas suas infinitas conversas, Sabino conspirava commigo para quando eu fosse grande morassemos juntos. O nosso pacto era conservar-me eu solteiro, termos a nossa casa á bocca do matto, para os nossos

passeios a cavallo. Esse plano foi realizado em parte. Sabino acompanhou-me durante o meu curso academico no Recife. Depois foi commigo á minha primeira promotoria em Guimarães, e á segunda no Rosario. Moramos sósinhos, tivemos os nossos cavallos de sella. Galopamos, esquipamos pelos campos, pelas mattas. Pescamos no Itapecurú. Não encontrei o currupira, nem o sacy-pererê, nem o caboclo-peixe. Tinham desaparecido na minha infancia. Só nas fontes dos meus olhos boiava a perenne imagem da mãe dagua.

A imaginação, excitada pela magia selvagem, ia alar-se ainda mais pela infiltração de outro feitiço. Esse, que já me viera nos contos de Militina, augmentava o seu poder transformador nas primeiras leituras clandestinas. A idade dos brinquedos com os meus irmãos e as meninas vizinhas passara para mim. Os estudos me foram desagregando dessa cellula infantil, a que as outras crianças do meu grupo continua-

vam ligadas. Desde a geographia das terras barbaras e a astronomia, que me deram o gosto do mysterio e do inverosimil, os jogos infantis se tornavam pobres de sonho. O meu desvio foi para os livros das estantes de meu pae. Eu os carregava commigo para o telhado da casa para onde eu passava pela janella do meu quarto de estudos no mirante. Fechava por fóra cautelosamente a janella e sentado nas telhas lia desbragadamente. A paizagem era toda a cidade. Bem proximo os quintaes da Sé, mais além Santo Antonio, os jardins do convento, a quinta, até a Fundição, Remedios, a Curupira e as quintas do Anil. Do outro lado, a rua da Estrella até ás Mercez, a rampa do Palacio, o Thesouro, o Bacanga, o porto com os vapores carvoeiros e as barcas, os brigues, as galeras de tão longe, os rasos vapores fluviaes e os ousados barcos costeiros. Tudo moroso, pachorrento e triste nas tardes quentes que a noite fecha rapidamente, quando na Sé batem as aves-marias,

os homens se descobrem e as mulheres se persignam. Era a hora, em que eu seguia na traducção portugueza, Don Quixote e Sancho, e vivia no mundo picaresco e tenebroso de Gil Blas. Era o realismo hespanhol que sobretudo me perturbava. D. Quixote para a minha idade infantil figurava então um personagem lendario como o genio da lampada e do anel. A lição de humanidade me escapava. A realidade, a vida que se descobria á minha curiosidade impaciente eu a encontrei pela primeira vez transposta nãs paginas de Gil Blas. Ladrões, rufiões, cortezãs, actrizes, poetas, fidalgos, arcebispos, licenciados, alcoviteiros, ministros, eram conhecimentos novos e quanto seductores! A traducção em que eu lia era maranhense. Até hoje não sei quaes os seus autores. E' uma maravilha de transposição do hespanhol para o portuguez. Nella não se encontra o menor vestigio do texto francez que foi uma deformação de uma obra, cuja matriz só podia ser em

castelhano. O portuguez da traducção corresponde á veracidade hespanhola. E' a lingua do tempo do romance e cada palavra do picaresco lusitano forma facilmente o ambiente hespanhol. Desta vez a traducção é superior ao original e o encanto de Gil Blas se torna maior. Para mim que vinha alimentado de fabulas, de magias, de prosa poetica e que tinha sêde de realidade, Gil Blas foi regalo substancial, que me nutriu para sempre. O meu espirito ficou perpetuamente attrahido pela fantasia e pelo realismo. Ao mesmo tempo que me abysmo no mais profundo realismo, me dissolveo no mais transcendente idealismo. Nesse instante ainda infantil, em que me apavoravam os terrores dos socavões e dos tenebrosos mythos florestaes e eu divagava nas scismas lyricas do mirante e do telhado, essa lição de realidade aos dez annos foi uma disciplina. Foi o equilibrio entre o socavão e o telhado.

Nesse casarão, que era o meu mundo, onde se expandia a minha pequenina vida, tive os primeiros contactos com as personalidades provinciaes. Meus paes eram extremamente visitados. Todo o Maranhão ahi desfilava e eu me familiarizava com os presidentes de provincia, senadores, deputados, chefes politicos, artistas, professores. Quando chegava vapor do sul, as notabilidades em transito pela nossa cidade vinham saudar meu pae, que era uma das pessoas mais consideradas do norte. Isto contribuia muito para se desenvolver em mim desde a meninice o instincto da sociabilidade. Assim como pela primeira educação em collegio de meninas me tornei simples, confiante e natural com as mulheres, perdi toda a timidez com as pessoas grandes por mais extranhas que fossem. Abordava-as francamente, não receiava de responder-lhes e mesmo de interrogal-as. Era o menino abelhudo, sofrego de saber tudo. Não tinha receio de indagar do inventor paraense

Julio Cesar o segredo do seu balão dirigivel e ouvia sem comprehender as suas complicadas explicações feitas para meu pae e não para mim. Nenhum medo de perguntar ao barão de Teffé pelas suas sondagens do porto do Maranhão e de insistir para que acabasse com as corôas de areia. Interrogava o chefe politico Gomes de Castro para que me dissesse quando esperava liquidar os maistas e os liberaes. Mettia-me em tudo e não tenho lembrança de uma repulsa das victimas do meu espevitamento.

Uma personalidade vejo deante dos meus olhos e de que não me lembro em nenhuma conversa. Entrava em minha casa diariamente. Vinha do palacio da presidencia. As ordenanças ficavam na porta da rua. Era o presidente da provincia. Era meu avô materno. Minha mãe, quando elle surgia esfogueado na varanda, levantava-se risonha, tomava-lhe a benção. Nós, seus filhos, a imitavamos para logo nos afastarmos. Vovô não se sentava. Mar-



JOSÉ PEREIRA DA GRAÇA JÚNIOR (Bisneto
de Aracaty) avô materno de GRAÇA
ARANHA

chava pela longa varanda, abanando-se com um leque e suspirando indignado: “que calor! que calor!” Minha mãe balançava-se docemente na cadeira de balanço. Vovô ia e vinha pela sala. Uma ou outra vez dizia uma palavra. Não aceitava nada para merendar e ao contrario da gente da terra não reclamava o copo d'agua. O seu silencio, o rythmo da sua marcha tornava tudo mais calado, mais morno. O homem que caminhava era agil e elegante. Devia nessa epoca ter pouco mais de sessenta annos e mantinha os traços da belleza que o fizera ganhar na Academia, o apellido de “cara linda” Lembro-me bem dos seus olhos azues, da sua pele clara, muito rosada, do seu aprumo no vestuario e da limpeza da sua casa da rua da Estrella, onde viuvo morava com a filha mais velha, uma mulher extravagante, solteirona que envelhecia fazendo versos amorosos por entre as chacotas dos irmãos e dos sobrinhos. Falleceu velhinha no Rio, improvisando versos na

sua cama de moribunda. Meu avô desapareceu um dia do Maranhão. De presidente da relação fôra promovido a ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Quando eu me preparava para conhecê-lo bem e já vinha do Maranhão nomeado juiz substituto em Campos, tive na passagem pelo Ceará a noticia do seu repentino fallecimento na epidemia de febres de janeiro de 1889. No Rio, a sua vida se confinava em casa e no Tribunal. Uma atmospherã de immenso respeito o cercava na familia e no fôro. A sua honorabilidade immaculada, a sua grande distincção pessoal, a sua aristocracia de pensamento e de habitos, formavam o halo em que viveu cercado. Não sahia jamais de casa a não ser de carruagem para o Supremo. Recebia os seus velhos amigos como Cotegipe e Paranaguá, Marmoré, Sinimbú, a gente da familia, é muita moça bonita. O velho gentilhomem sentia necessidade desse permanente contacto da belleza feminina em flor. Persistia nelle

aquelle ardor varonil, que o tornara um dos mais galanteadores e dos mais afortunados dos jovens do Recife, dos homens do Ceará e do Rio, onde viera como deputado cearense e do Maranhão onde fora maduro como desembargador. Era do grupo dos leões do Norte e o seu rival em conquistas amorosas era o seu primo Maciel Monteiro, talvez mais venturoso e pelo menos o unico celebrado. Minha mãe contava, ufana, as proezas do pae, que morrera barão de Aracaty, sua terra natal, os ciumes de minha avó, moreninha brava, pernambucana bonitinha, marcial, filha do general gaucho Alencastro. Meu pae commemorava as rivalidades do “cara linda” e do primo poeta, com os olhos em extase para a minha bella mãe, recitando, eterno namorado, o soneto de Maciel Monteiro : “Formosa ! quem pode amar-te sem morrer de amores !”

Minha mãe, que nascera no Recife, passara a infancia no Ceará, viera para o Maranhão apenas pubere, e logo prestigiada

pela admiração da sua belleza. Quando o pianista Arthur Napoleão a viu, registrou nas suas memorias a impressão que lhe fizera a “encantadora mocinha de dezoito annos” Era a Sinhá Graça, a dona das graças, da formosura, do pudor, da sympathy, da bondade. Mais tarde, ajuntou a estes dons, os da energia, do character des-assombrado, do enthusiasmo, da intelligencia nativa. Morreu aos 84 annos a velhinha phenomenal pela viveza, pela magnanimidade, pela abnegação, pelo ardor juvenil. Na sua longa existencia conheceu a felicidade e a amargura. Jamais o desanimo. Uma fé evangelica a fortificou na vida. Era intima com Deus. Repousava confiante, socegada, nelle. Esta intimidade dispensava intermediarios entre ella e o seu Criador e Pae. Se tinha ternuras por Nossa Senhora, por São José, por São Francisco de Assis, São Luiz Gonzaga, e ultimamente por Theresinha de Jesus, não era com o indefectivel sentimento polytheista que faz



MARIA DA GLORIA DA GRAÇA, com 18 annos de
idade, mãe de GRAÇA ARANHA (crayon-fusin
de Tribusi).

dos santos, deuses. O seu monotheismo era rigoroso, biblico. Deus a entendia e nas horas da afflicção a soccorria muitas vezes de modo sobrenatural e o perfume do milagre embalsamava a existencia da devota.

O retrato a lapis (crayon-fusin) de minha mãe, ainda solteira, que tenho deante de mim, é do anno do seu casamento, 1867. O artista que o desenhou, Horacio Tribusi, maranhense de nascimento, mas filho de italiano, do velho Tribusi, pintor de longas barbas brancas e professor de desenho, deu uma postura e uma expressão da Gioconda a seu modelo. Só lhe falta o sorriso. A belleza é pura, a testa pequena, frontepicio de um proporcionado craneo desapparecendo na cabelleira negra, de onde aponta a orelha esquerda finamente modelada. O rosto oval emmoldura as maçãs macias, descem suaves ao queixo maravilhoso, o nariz grave suspende-se sobre a bocca espiritual, que abotoa o sorriso. Nada mais

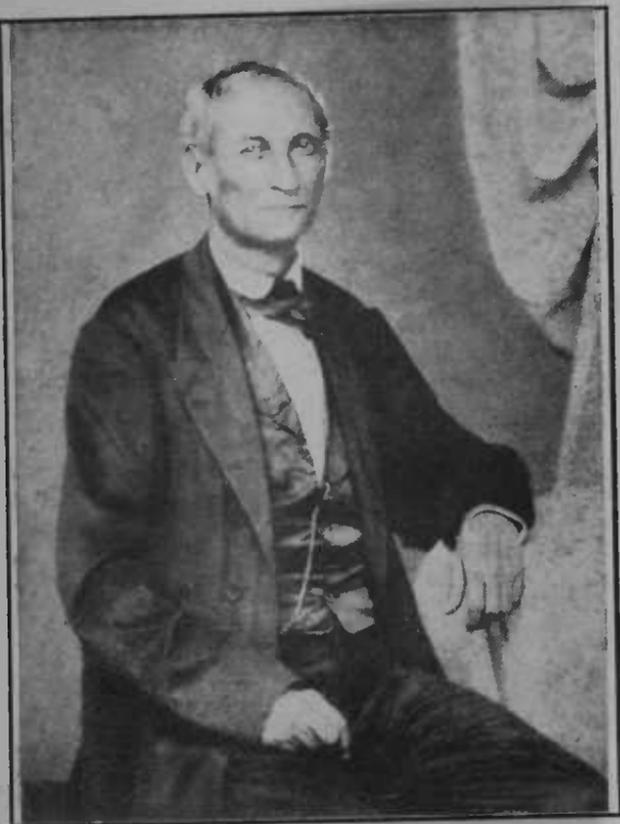
classicamente italiano. Realidade em projecção racial subjectiva do artista? Quando conheci conscientemente minha mãe, a delicadeza do corpo juvenil tinha desaparecido. Engordara. A madona virginal fôra substituída pela matrona ainda graciosa. Conservava a leveza do andar no compasso senhoril. O seu rosto mantinha-se bello e delicado, e o olhar de olhos negros era infavel de doçura e vivacidade. Não ficaram densas as suas feições, como acontece ás bellezas tropicaes. O que se tornara volumoso, fôra o corpo, castigado por uma excessiva maternidade. Na velhice, minha mãe emmagreceu e retomou paradoxalmente a sua espiritualidade juvenil. Foi uma velhinha espartá, viva entre os vivos, inspirada por um espirito perpetuamente entusiasta. Esta chamma consumiu-lhe a materialidade. Acabou santamente com pouca carne e muita alma.

O meu avô paterno seguira a tradição dos Macieis e dos Aranhas. Fôra lavrador e

militar. Batera-se contra a *balaiada* e foi major das milicias. Um irmão morreu ao seu lado no combate de Areias. Lembro-me delle já ausente dessas profissões, na tranquillidade do funcionalismo provinciano. Imagino o seu espirito muito limitado. No tempo do nosso conhecimento, a sua grande preocupação era o prestigio da irmandade do Senhor dos Navegantes, de que era um dos ardentes provedores no empenho de offuscar o brilho da velha irmandade do Senhor dos Passos. Essas rivalidades de confrarias enchiam grande parte da vida maranhense. Só eram excedidas pelas outras rivalidades, a da politica e da grammatica.

Vejo meu avô, muito alto e espadaudo, vestido da opa roxa com capuz azul da sua irmandade, governando a igreja e commandando com a vara de prata dos provedores, as procissões quaresmaes. Depois o vejo deitado em uma rêde, pitando um longo cachimbo de taquary no seu quarto da casa

terrea da rua de Santo Antonio, na vizinhança da igreja, onde era a sua devoção. Noutra rêde, a sua segunda mulher, madreasta de meu pae, tambem cachimbava indolente e muda. Nos outros quartos ou na varanda, minhas tias, suas filhas, já maduras, cantavam ao violão acompanhadas de seus namorados. As negras, na cozinha ao fundo, preparavam o carurú, o arroz de cuchá, manaués, pamonhas, arroz doce, para as refeições. Cachos de banana amadureciam, dependurados nos postes da varanda, ao canto dos sabiás, das graunas e dos curiós, presos nas gaiolas. No jardim, rosas, cravos, cravinas, mangeronas, malvas, em giráos e canteiros, gira-sóes, bugarys, espiradeiras roseas, limpa sapatos vermelhos. No corredor que ia para a cozinha vivia a velha irmã de minha avó postiça, balançando-se na rêde, abanando-se, soprando afogueada, abafada, o tumido carão congesto, o narigão rubro. Tinha a fobia do abafamento. Não tolerava casa fechada,



JOÃO JOAQUIM MACIEL ARANHA, avô paterno
de GRAÇA ARANHA

abria todas as janellas, não admittia garrafas e frascos arrolhados. Soffria dolorosamente por elles. Nos seus accessos mais violentos sahia do seu quarto á noite e ia desenterrar no quintal, as garrafas que de cabeça para baixo faziam a cercadura dos canteiros.

Na familia do meu avô paterno o preconceito contra os negros e os mestiços, era aggressivo. Zelava-se a pureza da raça com furor. Esses Macieis Parentes e Aranhas não se cruzavam com os indios. O cruzamento com negros e mulatos seria uma abominação. No interior da provincia, encontrei muitos desses meus parentes, na extrema indigencia, de pés descalços, meros trabalhadores empregados nas fazendas, mas conservando a integral pureza do sangue branco. Eram geralmente louros, de olhos azues, typos que se reproduziram na maior parte dos filhos de meu pae e se mantiveram em dois irmãos meus. Minhas tias paternas, como animaes de caça, farejavam

e descobriam o mestiço por mais que este procurasse se disfarçar. Zeladoras infatigáveis do preconceito, se sabiam do projecto de casamento de algum parente, ellas se punham a indagar de todo o *pedigree* da pretendida ou do pretendente e se descobriam a menor tintura de sangue negro ou bugre, não descansavam, emquanto não viam desfeito a malfadada alliança. Pobres tias, derradeiras representantes desse preconceito familiar a que talvez eu deva ser branco, morreram a tempo, antes da invasão da mestiçagem na velha familia.

As devoções religiosas da minha familia paterna confinavam-se nos cultos da igreja de Santo Antonio, as devoções do Bom Jesus dos Navegantes, de Santo Antonio e de São Benedicto. A do santo preto competia em popularidade com a de Nossa Senhora dos Remedios. A festa dos Remedios sobrepujava em prestigio. Era a festa por excellencia do Maranhão. O largo dos Remedios fica em uma riban-

ceira á beira do Anil. No centro, um tronco de palmeira de marmore tem no cimo a estatua de um homem. E' Gonçalves Dias. Em baixo no pedestal, os medalhões de Odorico Mendes, João Lisbôa, Gojes de Souza, Sotero dos Reis. A poesia, o pensamento, a sciencia, a grammatica. Orgulho do Maranhão. Durante o anno inteiro toda a gente prepara-se para a festa dos Remedios. O maior tributo é vestir nesses dias roupa nova. Não ha moleque que não ponha um fato feito expressamente e as negras vestido novo. As minhas recordações são muito reduzidas. Na adolescencia não assisti á festa dos Remedios que era em outubro, quando eu estava no Recife. Lembro-me de uma aglomeração de gente festiva tão numerosa que por sortilegio da imaginação imagino comparavel ás maiores multidões que assisti em Londres ou Pariz. Lembro-me do "tanque das tartarugas", estrado de uma casa de um dos maioraes do largo, onde se ostentavam homens enor-

mes e mulheres gordíssimas, vendo desfilar o povo de meninas faceiras, rapazes elegantes, a mulataria e a negrada de flor na cabeça. E as barracas de doces, de pasteis, de lanterna mágica, de cosmorama, da cabeça que fala e sobretudo a barraca da sorte, onde eu vinha alviçareiro, cubiçoso, á caça dos brinquedos fantásticos e de onde sahia murcho com uma gaita mesquinha ou um balõesinho de borracha. Que delicia nessa liberdade de chupar, em pleno largo, roletes de canna ou laranjas descascadas, como qualquer moleque! As meninas taludadas e os moços bonitos passeiavam, namoravam na rua illuminada que passava pelo “tanque das tartarugas” e ia até a igreja. Nós, as crianças, misturadas com a arraia miuda, nos desforravamos nas chupa-chupas, até a hora do fogo de artifício, que, queimando, nos punha extáticos. Quando, no final, o castello abrazava por entre estrondos de bombas, foguetes de lagrimas

coloridas de “pistolas”, aquella multidão incommensuravel ia debandando do largo.

Não eram sómente essas festas de igreja, as novenas, as missas cantadas, as procissões, que divertiam os maranhenses. Para mim, muito acima da festa dos Remedios, havia maior encanto na chegada e no bumba-meu-boi. A chegada é a comemoração da conquista dos portuguezes nas terras dos mouros. O Maranhão era bastante luzo para comprehender e festejar o drama-mysterio representado nas ruas da cidade. Seria como um rancho do carnaval carioca. Misturava-se á historia e á lenda. Vinham marujos portuguezes de uniforme azul e branco carregando a não catharineta. O capitão-general commandando as tropas, dentro do quadro dos soldados o rei mouro primitivo, mouros e mouras escravizados. Um dos pontos em que a chegada representava, cantava e dansava, era em frente á casa de meu pae, séde do maior jornal da terra. Tudo muito severo, quasi religioso,

no cerimonial. A musica dava o rythmo grave ás dansas. Fados tristes de Portugal combinavam-se com as asperas melopéas mouras. A melancolia fluia nessas musicas da saudade, do captiveiro e do desterro. Para quebral-a, o dialogo por vezes jocoso do capitão-general e do gageiro da não catharineta, disfarçando nas chalaças gallegas o terror do destino.

Como uma desforra á chegada portueza, o bumba-meu-boi. Pelas ruas frouxamente illuminadas, uma massa sombria, envolta na luz pesada e fumegante dos archotes, movia-se ao clangor das melopéas barbaras. Chocalhos batiam ardentes. Eram os unicos instrumentos para as vozes cantadeiras. Os principaes personagens do drama, o pae Francisco e a mãe Catharina, puxavam as cantorias. O côro negro mugia soturno, profundo, doloroso : “Eh ! bumba, bumba meu boi, boi de fama que Chico matou !” E o boi vinha dansando na algararra dos vaqueiros e da populaça. Esse

boi seria um heróe dos pastos do Piauhy, seria o Rabicho da Geralda ou outro famoso touro lendario. Um instante parava o rancho. Representava-se o drama em dialogos e em dansas e cantos. O boi sempre dansando, aguilhoado pela vara dos vaqueiros, desafiado pelo pae Francisco, que o ia matar. Mãe Catharina, plangente, entoava a canção da morte. Busca-pés chiavam, esfusiavam, vomitavam jactos de fogo. O boi intrepido dansava, dansava. Os negros do cortejo pintados de alvaiade de vermelhão e mais pretos tismados de carvão, pulavam apavorados, em cabriolas com os fogos. O drama continuava dominando o alarido, a confusão, para terminar nitidamente com a morte do boi de fama, que Chico matou.

Nesse tempo o que me divertia era o puro espectaculo, a acção theatral. Nenhuma literatura me perturbava para eu interpretar a funcção sertaneja como uma reminiscencia do culto egypcio do boi Apis,

nem como a symbolica passagem da era pastoril para a civilisação agricola. Theatro popular, theatro do sertão, que me vinha deslumbrar nas ruas pacificas da minha cidade. Era no São João, na epoca dos fogos, das fogueiras, dos jogos de prendas, das sortes reveladoras do futuro, da exaltação sexual das comadres e dos compadres, saltando fogueiras, onde pipocavam castanhas de cajú. Merendavam-se batatas doces assadas, cangicas, pamonhas e mingau de milho verde, alcaçar, manaués e pés de moleque. Soltavam-se bichas, bombas, foguetes e corriam pelas ruas loucos buscapés. Em nenhum instante o enthusiasmo collectivo era tão intenso, nem mesmo no Natal. Ahi, em vez do milho era a doçura, o prazer e o conchego familiar em torno do perú. Não sei até hoje porque no Natal emquanto o gallo canta, ha matança de perús. O drama do boi era substituido pelo mysterio da encarnação do verbo e do nascimento do Christo. Abriam-se nas casas

e em plena rua os presepios, que toda a população visitava familiarmente. Vinham as festas dos pastores. A criançada alvorocava-se. Quem não tomava parte nos ranchos e cordões, tomava partido pelo pastor mestre ou pela pastora mestra. Minhas irmãs figuravam sempre como pastoras, eu ficava entre as partidarias da pastora mestra, que surgia radiosa, conduzindo o seu grupo de pastorinhas a dansar com arcos de flores e a cantar ao som das tabecas, das flautas e dos violões. Musica singela, facil, com versos simples que todo o mundo sabia de cór. Tudo era theatro, não mais o selvagem bumba-meu-boi, mas o drama occidental, civilisado, transportado da Edade Media, e a que os portuguezesa juntavam personagens pittorescos que eram o casal de gallegos. No Maranhão tudo se passava suavemente deante dos presepios, a mangedoura com os personagens evangelicos, humanos e animaes, e no alto a estrella do Oriente. Mais tarde eu vi em Recife essas

mesmas representações serem motivos de combate sanguinolentos entre os partidários do cordão azul e do cordão côr de rosa. Tal é a diversidade do temperamento maranhense e do temperamento pernambucano.

O gosto do theatro ficou entranhado em mim. Embora recalcado, elle secretamente me conduziu na vida. Não era eu que seria uma personagem dramatica, eram os outros e o mundo, que foram sempre o meu espectaculo. Este impulso para transformar tudo em espectaculo me deu o profundo sentimento da technica theatral a tal ponto que a minha composição litteraria se resente desta orientação. Muitas vezes eu penso o romance como theatro e não raro designar os meus capitulos como actos. Como no theatro, os meus personagens explicam-se por si mesmos. Os scenarios vivem pela luz, pela côr e entram na acção. O que abafou em mim o senso theatral foi o excesso de pensamento, que estorva a acção dramatica. Mas mesmo assim

esse pensamento denso move-se. Todo elle é acção, o que é da essencia do theatro. No restricto quadro provinciano não me foi dado gosar da arte dramatica, para desenvolver-a em mim. Os meus grandes espectaculos foram estes da rua, chegança, bumbas-meu-boi, procissões religiosas, ou os pastores e os reisados. Desforrei-me desta penuria criando para o meu deleite um theatrinho. Alliei o meu gosto ao de um primo, em cuja grande e triste casa preparavamos as representações. Logo que eu tinha uma vaga nos estudos, corria para ahi. Era no centro do commercio, na Praia Grande. Todo o bairro cheirava a bacalhau, a cebola, a alho e a carne secca. O silencio dos negociantes, no grande calor, era interrompido pela cantarola dos pretos do ganho fazendo carretas pesadas de barricas de vinho e transportando pianos dos meus tios, ao som dos chocalhos. O casarão bem portuguez era num becco, tinha dois andares. No primeiro os socegados caixei-

ros, no segundo a familia. O nosso theatro era em baixo, nos quartos que davam para o quintal interno. Gastavamos o nosso tempo em preparar o palco e pintar scenarios, para no fim de grande esforço representârmos em rapidos instantes algumas tolices, escriptas por mim, que pretenciosamente eram intituladas dramas. Essas, muitas vezes, eram tiradas de factos reaes, succedidos no Maranhão. Recordo-me do esforço em pôr em scena uma historia terrivel da escravidão, que a velha Militina me contava. Um fazendeiro, casado com uma mulher bonita, voltando um dia de improvisa da plantação, encontrara na sua propria cama a mulher em adulterio com um escravo. Deu alarma. O negro foi preso pelos outros negros escravos e morto. A sua carne foi salgada e assim conservada. A mulher ficou detida no interior da casa, sem mais communicação com o marido e obrigada, para se alimentar, a comer, cozida, a carne do escravo. Viveu emquanto houve

dessa carne. Quando esta se acabou, o fazendeiro mandou matar a mulher e atirar o corpo no campo para ser devorado pelos urubús. Como seria possível a um menino compor uma peça de theatro com este immenso horror? Ainda hoje, ao lembrar esta dolorosa historia, me compadeço do martyrio innominavel dessa desgraçada, condemnada a comer por entre lagrimas a propria carne do seu parceiro de volupia. Imagino as insidias abjectas do appetite animal que a impelliria gosar desses repastos anthropophagicos.

A escravidão no Maranhão não contem muitos factos tão horripilantes como este. Geralmente os maranhenses eram brandos e viviam com os escravos, em grande e suave familiaridade. Apenas me recordo de um unico facto ter commovido e indignado a cidade. A mulher do chefe do partido liberal fôra vehemente accusada de ter matado de sevicias um moleque, seu escravo. Os conservadores, no poder, apro-

veitaram a miseravel circumstancia, processaram e levaram até o jury a odiosa assassina. Desse drama, a impressão mais viva, que me ficou, foi a agitação na minha casa durante o julgamento. O tribunal do jury era na vizinhança. Os politicos vinham repousar e esperar a sentença na companhia de meu pae, figura consideravel do partido conservador. Ainda vejo a scena, que eu espiava ardendo de curiosidade. Vejo a figura attrahente, fascinante, de Celso Magalhães, o promotor publico. Em torno delle, uma admiração enthusiastica, commovida, que eu não comprehendia, mas cuja intensidade me avassalava. Das impressões que então recebi, ficou-me a imagem de um rapaz muito magro, feio, ossudo, encovado, movel e falador. Não me lembro como se trajava, apenas me recordo de que trazia na botoeira do paletó uma flor vermelha, lagrima de sangue, que por muito tempo se chamou no Maranhão a flor do Celso. Morreu moço, logo depois da subida dos

liberaes ao poder, cujo primeiro acto de governo fôra demittir a bem do serviço publico o promotor, que ousara accusar a assassina do escravinho Innocencio. Mais tarde, tive consciencia do grande merecimento de Celso Magalhães. Foi um dos precursores do abolicionismo na poesia, com o seu poema "Os Calhambólas" Na Academia, foi um dos espiritos tocados da sciencia moderna. Pertencia ao grupo predestinado a realizar no Brasil a reforma espiritual, que o darwinismo e as sciencias phisicas tinham imposto á Europa. Foi elle quem primeiro estudou scientificamente o folk-lore brasileiro, num ensaio primacial sobre a poesia popular, dando o signal de partida e a orientação para os estudos de Valle Cabral, Sylvio Romero, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues e tantos outros. Meu pae o estimava extraordinariamente e o teve como collaborador conspicuo no "Paiz" Os seus folhetins eram vivos, de uma acrobacia prodigiosa, onde a intel-

ligencia não se deixava entorpecer pela erudição. Depois da sua morte e já eu era academico de direito, quando li o manuscripto do seu drama “O processo Valladares”, confiado a meu pae. Esse manuscripto foi remettido ao meu tio Heraclito Graça, residente no Rio, que o passou a Arthur Azevedo. Não foi representado nem publicado e jaz na Bibliotheca Maranhense. Arthur Azevedo fez publicar em 1881, na Revista Brasileira (2.^a phase), depois da morte de Celso Magalhães, o romance “Um estudo de temperamento”, que elle lhe entregara no Recife em 1873. A publicação não foi concluida por ter cessado o apparecimento da Revista. E’ um ensaio de romance naturalista, dos costumes provincianos, romance, que anticipava o “Mulato” de Aluisio Azevedo.

O Maranhão era fiel á tradição verbal portugueza. A disciplina de Sotero dos Reis e dos seus epigonos grammaticos abafava a espontaneidade espirital e a li-

berdade de dizer. Celso Magalhães reagiu contra esse esmagamento e sua prosa vibrante criou novos rythmos para o pensamento. Quando Aluisio Azevedo surgiu com o seu realismo, o caminho estava aberto. Gloria a Celso Magalhães, morto aos trinta annos, esquecido hoje como Rocha Lima, do Ceará, tambem prematuro e genial representante da cultura livre, num paiz de incultos e aos quaes faltou o intenso dom de poesia, que tornou famosas as mocidades de Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e' Castro Alves.

A reacção de Celso Magalhães não se limitou á expressão verbal, attingiu á propria cultura. Antes delle pensava-se no Maranhão á portugueza. Toda a illustração, toda a erudição era lusitana ou vinha por Portugal. O proprio Gonçalves Dias, que pelo seu sangue mestiço e pelo seu contacto pessoal com as civilisações europeas, devia exprimir a revolta contra o jugo literario portuguez e trazer ao espirito

maranhense aspectos mais largos e novos, submetteu-se, e nessa vassalagem talvez se explique a deformação do seu genio brasileiro. Não precisa remontar a Odorico Mendes para testemunhar a fidelidade maranhense ao espirito portuguez. O propicio e grande João Lisbôa não reformou a prosa brasileira. Ampliou-a, enriqueceu-a, coloriu-a, mas guardou o rythmo tradicional. Assim, já eu disse que o seu estylo conserva as características portuguezas, a linha horizontal, a planicie. Mesmo carregado de intenções, de rancores, de sarcasmos, o estylo de João Lisbôa é plano, largo, dando a sensação da serenidade. Nesse estylo as agruras, as culminancias abrandam-se, as profundidades e os abysmos mascaram-se e tudo o que é aspero e violento perde-se em tranquillidade, pela vastidão da phrase. Celso Magalhães annunciou na sua expressão viva e nervosa o estylo vertical de hoje, estylo que se eleva em altura e penetra em profundidade. Estylo synthetico, som-

matico, explosivo. No pensamento, foi inovador. Se não tem o genio de Tobias Barretto, nem a sua força demolidora e a de Sylvio Romero, insinuou coisas novas á cultura de seu tempo. Nos estudos do folk-lore e da linguistica, impregnou a orientação de Bopp, de Max Muller, e as visões de Vacherot e Ewald, de Renan em materia religiosa, e na critica foi discipulo de Sainte Beuve, Taine e Scherer. Tudo novo, tudo fecundo para a emancipação espiritual do Brasil. Emfim, o Maranhão se libertou do jugo da grammatica e da disciplina intellectual dos bisonhos classicos portuguezes. Celso Magalhães se tornava brasileiro pela revolta, pela inquietação, pela actualidade.

Já as “chuvas de cajú” tinham passado, os cajueiros tinham florido, e os frutos amadureciam nas arvores. Era tempo de irmos para o sitio, no Caminho Grande. Parte da familia seguia por terra na machambomba carregada de crianças, criados e bagagens. Eu era do grupo superior, de es-

caler, pelo Anil acima. De manhãzinha, vinhamos a pé, pela ladeira da Barreira a Praia do Cajú, onde o escaler de meu tio, irmão mais velho de meu pae, nos esperava. A maré enchia e com a sua ajuda a pequena embarcação subia o Anil. Emquanto deixavamos essa praia do Cajú, onde muitas vezes tomei banho salgado em banheiro fechado por causa dos tubarões e onde nas marés baixas, eu com outras crianças vinha apanhar conchas, caranguejos e siris, emquanto passavamos pela praia de Santo Antonio, pela Fundação, pelos Remedios, e olhavamos a estatua de Gonçalves Dias, a quem meu pae, invocando-o, nos estimulava a render-lhe commovido preito, e deixavamos a cadeia, a Gambôa do Matto, e do outro lado, Vinhaes, e penetravamos na esteira solitaria dos sitios, eu ia experimentando a agua do rio salobra até que ella passasse a ser doce. Era signal de que estavamos na proximidade do sitio e a alegria da vadiação augmentava.

De longe, na curva das aguas, descortinavamos a casa da morada e já na praia estavam os que nos precederam na machambomba. A algazarra dos meninos, dos moleques e negrinhas nos tomava e mal eu punha o pé em terra, eis-me correndo com elles para debaixo dos cajueiros. Sacudindo as arvores, ou trepando nas que se esparavam pelo chão, nos regalavamos a chupar sob a imprecação das criadas, que temiam as nodoas para as nossas roupas. Mas desdenhávamos esses receios. Sabiamos que nossas roupas eram velhas, reservadas pela providencia de minha mãe, para essa epoca do sitio, sem preocupação de conserval-as. As sombras immensas das mangueiras davam uma calida doçura ás alamedas que levavam do porto e da estrada do Cutim á grande vivenda. Passava-se o dia debaixo das arvores, e quando não chovia, eram ahi no chão de folhas seccas, as refeições. Rêdes armadas nessa sombra das arvores para conversar, para

cochilar e dormir a sesta. Era o dominio de minha mãe. Raramente meu pae repousava. O seu genio andejo e curioso não o deixava socegado. Seguido pelos filhos mais velhos farejava todos os recantos do sitio, embarafustava pelo matto e eil-o radiante de volta das suas vadiações, trazendo frutas e flores selvagens.

Passava-se o dia em perpetua merenda, bolos do Maranhão, os famosos bolos podres, manaués, pamonhas, cangicas, alcaçar. Bebia-se garapa, chibé, agua de côco dos coqueiros do sitio, e assahy da jussara, apanhada no alagadiço da fonte. As frutas eram as que davam fartamente os cajueiros, as mangueiras e as goiabeiras. A's vezes tinhamos bacury que era um encanto pelo perfume, pela brancura dos "filhos" e da polpa dos caroços. Fazia-se fogueira e assavam-se castanhas de cajú. Um cheiro forte de resina perfumada vagava sob as arvores. A castanha assada era fartamente gosada. Nessas comezainas que intercala-

vam os almoços e jantares de peixadas, gallinhas de molho pardo, paças e cutias compradas na estrada aos caboclos da Maioba, perús recheiados, leitões assados, levava-se um mez de bombança.

Essa deliciosa estação nos sitios do Caminho Grande, á margem do Anil, ainda tinha menos encanto do que o tempo de nossas ferias na Maioba. Essa era a grande novidade. Começava a allucinação com a viagem. Sahiamos de madrugada do largo do Palacio de bonde e machambomba com os criados e as bagagens até o Cutim. Banho no regato fresco, correndo por entre as sombras das arvores. Cavalleiros que vão para a Villa do Paço. Caboclos carregados que passam para a cidade e nos vendem peixe muqueado, beijús, brôa de milho. Almoço no chão morno. Agua fresca do Anil. Pela estrada vão as mulheres e as crianças nos carros de boi chiando como cigarras, que no Maranhão não existem. Meu pae, os seus dois irmãos mais

moços ainda jovens, eu e Sabino a cavallo. Quando chegamos ás fontes do Anil, Sabino torna-se prodigioso. Apea-se da montaria e sobe lepidamente pelas jussadeiras mais corpulentas. Com a sua faca de marinheiro, corta a penca das frutas pretas de maduras. Delirio da criançada, que apanha rapidamente as jussaras que se desprendem do cacho. Adeante Sabino trepa em um burityseiro de cachos amarelllos, verdes e vermelhos. Corta o vermelho. Todos imaginam os regalos que os esperam dos refrescos de assahy e burity. Para adeante, sob o sol ardente. Os rapazes a cavallo, galopam para surprehender as lavadeiras núas no rio da Paciencia. Gritos de espanto e de pudor das raparigas. Gargalhadas. Ameaças de furto das roupas. Prazer. Chegam os carros de boi com a familia. De cima da ponte, olham-se as caboclas, apenas com as cabeças de fóra, espetadas na agua, toldando o rio com as areias remexidas. Os rapazes querem despir-se e caçal-as den-

tro dagua. Meu pae prohibe e a caravana prosegue, saudosa do breve encanto bucolico.

O sitio onde nos aboletavamos era na Maioba, perto desse delicioso Paciencia. O seu proprietario, o negociante dinamarquez Martinus Hoyer, homem emprenendedor, tão util ao Maranhão, o cedia graciosa-mente a meu pae, cujo genio hospitaleiro e bondoso ahi se expandia radiante. Vinham convidados da cidade, familias inteiras que se agasalhavam na grande promiscuidade nortista. Ranchos de mulheres separadas de ranchos de homens, gente em rede, em colchões e esteiras pelo chão, todos contentes dessa folga na roça. Meu pae exultava e queria que a sua alegria fosse a de todos, mesmo da pobre gente da redondeza. Para attrair os caboclos, punha um barril de cachaça no terreiro, surrões de fumo de corda, e não havia matuto que passasse no areial quente da estrada, a pé ou a cavallo, que não fosse chamado para um trago de restillo e uma tóra de fumo. Era

o principal divertimento diario do sitio, essa generosidade dos brancos de mistura com o acanhamento e a bebedeira da caboclada. Por gratidão, os caboclos vinham com as suas violas cantar ás noites, que deviam ser de luar. Outras vezes improvisavam um bumba-meu-boi, em que não havia, como na cidade, o ataque dos busca-pés, mas havia muita cachaça para excital-os.

Não foram sómente estas impressões vadias e alegres que colhi nos sitios. Trouxe tambem delles, uma séria provisão de maleitas. Ainda me perdura a remota sensação de surpresa e terror, das primeiras manifestações do impaludismo. Tremulo de um calafrio desordenado, puzeram-me na rêde, que o meu violento tremor sacudia loucamente. Attento aos movimentos absurdos, novos e curiosos desse mal imprevisito e extranho, ao mesmo tempo, espantado do que succedia, me dando o calafrio, e não espaço para chorar, agarrava as minhas mãos nas de minha mãe para me proteger

e salvar. Ao acesso de frio succedia o abraçamento da febre e com esta vinha o delirio. No começo, tudo isto me horrorizava e eu implorava para que me curassem sem demora. O quinino em pó, tomado em café amargo, agia lentamente. Os ataques vinham periodicos e eu entrei a esperal-os sem terror, e pouco a pouco gostosamente. O que me attraia nelles era o delirio. Este era incongruente, exaltado, doido, mas que seducção ! Nas paredes caiadas, estampavam-se as visagens da minha allucinação. Outras imagens mais secretas, mais desejadas, não se desenhavam nessas figuras extravagantes, exteriorizadas. Ficavam na intimidade das minhas cellulas, para o goso profundo de minha sexualidade revelada, obscura e eterna. Afinal a quinização foi eliminando as sezões, o delirio quotidiano cessou. Em vão, busquei os sonhos acordados da febre extincta. Tudo acabara para o menino macilento e triste, em que me tornei.

Não sei se foi o abalo das maleitas ou o esforço intellectual nesse periodo do crescimento, que exagerou para sempre a minha impressionabilidade. Seguramente a tendencia emotiva em mim é congenita, mas esses accidentes da molestia e do erroneo regimen de trabalho levaram ao paroxysmo o meu temperamento. Fiquei sujeito a vertigens ou syncopes, geralmente provocadas por emoções violentas. Esses desequilibrios nervosos acompanharam a minha existencia, arriscando-me constantemente a vida. E' possivel que tal exaltação emotiva concorra para o lyrismo dos meus escriptos, para a communicabilidade com os humanos, para captar mais facilmente os fluidos, os iones, os electrones do universo. Infelizmente o excesso de sensibilidade transborda, avassala, paralyza. O meu trabalho intellectual na sua primeira phase consiste em subjugar, disciplinar a desordenada sensibilidade. O esforço é consideravel e exaustivo.

Um dos espectáculos que mais impressionaram essa sensibilidade, foi o da chegada no Maranhão dos miseros retirantes cearenses, os desgraçados da grande secca de 1877 a 1880.

Desembarcavam na rampa do Palacio e subiam a ladeira sob as vaias da população maranhense: "Ceará moleque! Cabeça chata! Vae-se embóra, volta, porque puzeste Nosso Senhor na jangada e soltaste elle no mar? Bem feito! Castigo de Deus." Os miseraveis, taciturnos, de olhos vidrados pela fome e pela sêde, não tinham forças sequer para resmungar o odio que os esmagava. Marchavam cabisbaixo, silenciosos, carregados de maldições, allucinados pelas perseguições divinas e humanas. Vinham comidos pela fome que lhes deixava apenas o esqueleto ambulante. Reduzidos á extremidade da carne, a pelle, curtida de sol, se lhes agarrava aos ossos. Ouvia-se o ruido soturno da ossadura desconjuntada. Caminhavam pela cidade na cadencia certa-

neja de quem vae devorar leguas de campo estorricado. Passavam homens barbudos, propheticos, homens pellados de gafeira, sem calças, apenas vestidos de camisa fóra da ceroula, mostrando as retesas canellas finas de tanto andar. Quasi todos traziam a cabaça secca, onde recolheram as ultimas gottas dagua do sertão. Passavam mulheres tostadas, desgrenhadas, arrastando crianças portadoras de gaiolas de graúnas, muitas carregando nos braços um fardo, que era o filho morto no vapor. Aboletavam-se no palacio do bispo em construcção no largo da Sé. Levas e levadas de retirantes ali foram abrigadas e mal soccorridas por um governo pobre, imprevidente, e impiedoso. Mas havia sempre na cidade gente generosa para soccorrer os famelicos. Estes sahiam a mendigar, afrontando os apupos da molecagem. Tanta miseria me attrahia dolorosamente. Indifferente á fedentina dos sordidos retirantes, todas as tardes vinha vel-os. Elles foram se familiarizando commigo. Ou-

via-lhes, deslumbrado, a narrativa das suas venturas nos campos fartos de carne e leite e chorava com os lances tenebrosos da maldição da secca. E que esperança tenaz e milagrosa de voltar á terra novamente molhada, verde, verde! A linguagem cantante, estropiada, os nhor sim e nhor não, os quero não, chove não, me descansavam da fria correcção luza dos maranhenses. Era gente de typos diversos, caboclos, ciganos, aços, louros. Nenhum preto. Raça de gente livre que jamais conhecera a escravidão, gente toda aventureira, jogada perpetuamente entre a abastança e a fome. Sabiam esquecer a desgraça, podiam rir e cantar canções sertanejas de vaqueiros, desafios de vagabundos, melopéas ciganas. Ouvindo-os contar e cantar, eu imaginava o sertão. Eu quizera partir para lá com elles, viver-lhes a vida arriscada, ardente, plebeia, evadir-me da ponderação burguezia da minha terra. Seguramente esse contacto diurno e longo com a miseria dos retirantes,

remexendo-me o coração, revoltando-me, abriu em mim a fonte da piedade que mais tarde se transmudaria no fecundo sentimento da solidariedade humana.

A sahida do Maranhão não demoraria muito. O meu espirito, sofrego de coisa nova e de liberdade, ia emfim ser contentado.

Os meus preparatorios estavam terminados e meu pae decidira, contra a opinião dos velhos da familia, mandar-me sózinho para a faculdade do Recife. Esta resolução foi extremamente benefica para fortalecer a confiança em mim mesmo. Partir aos treze annos e meio, sem tutela, dono dos meus actos em terra extranha, não poderia haver maior testemunho do meu discernimento, da minha energia. Foi este o mais edificante acto do meu grande educador e pae. Desde então me governei, me dirigi e caminhei, seguindo livremente os meus impulsos e a minha soberana vontade, fazendo a minha propria lei.



O Maranhão, que pela primeira vez, eu deixava, afundava-se na decadencia. A sua velha civilização, modesta e lenta, baseava-se como a de todo o Brasil, no trabalho escravo. Quando a emancipação se accelerou, os lavradores maranhenses trataram de vender os escravos para os emperados fazendeiros do sul. As fazendas privadas de trabalhadores cahiram em lethargia e pouco a pouco, onde foram cultura e producção, espraiava-se a miseria das tapéras. Os fazendeiros vieram para a capital disputar empregos publicos. A politica limitou-se a esse jogo de empregar e desempregar cabos eleitoraes. O governo extremamente pobre, desanimado, sem energia para suscitar o trabalho criador, assistia apathico á degenerescencia da provincia. Expandiam-se os vicios ociosos, principalmente os da sensualidade desenfreada. Os harens das fazendas foram transportados para a capital. Todos viviam na mancebia, até os conegos da Sé, incitando os vigarios

da roça e os frades. As mulatas e as filhas das cunhãs espalhavam effluvios aphrodisiacos e entorpeciam todo o Maranhão. A furia sertaneja imperava numa sêde de sangue e numa voracidade de latrocinios. A vida humana, incerta, aos caprichos do bacamarte. Emquanto os instinctos se desbragavam, os espiritos definhavam. Aquella floração intellectual brilhante, artificial, da classe dos senhores, extinguiu-se. A poesia e a criação estylizavam-se na grammatica e na copia de classicos verbaes, longinquos e extranhos. Os que deviam trazer a seiva nova ainda não tinham surgido ou não eram entendidos. A intelligencia desertou o seu antigo solo e o seu exodo e o das forças da mocidade, precipitaram a decrepitude. A preguiça espiritual marcava o rythmo moroso. Nessa indolencia, nesse abafamento, eu me agitava, suffocado e soffrego. O meu rythmo era acelerado. Só eu tinha pressa. De que?

II

A MINHA primeira separação da familia foi lancinante. Deixar minha mãe em prantos, vir acompanhado por tanta gente, como num enterro, até em baixo na rampa, agarrar-me a meu pae, aos meus tios e aos velhos amigos da casa, desesperado de os deixar, fazer a travessia para o vapor no escaler que me levara a tantos prazeres pela bahia e pelos rios, era excessivo para o menino, cuja petulancia se fundira na dôr e na tristeza. O vapor sahira do porto ao anoitecer. Eu vi os pharóes, illuminando o lado opposto á cidade, mas não senti o mar. Deitei-me dolorido, esmagado, solitario, na estreita cama do acanhado camarote. Não me lembro exactamente da noite con-

fusa e extranha que passei. Recordo-me do fulgor do sol já de madrugada, entrando pela vigia. Foi então que espiei o mar. Deslumbramento que me tomou pelos peitos, que me suffocou e me fez chorar. Aquelle azul ferrete, translucido, me atordoou, as ondas de espumas brancas subiam, mugiam e o vapor dansava para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita. Estes movimentos descontraídos me desequilibraram. Era o enjôo com o seu aviltamento physico. Tive o que todos os enjoados têm, a ansia de morrer, de que tudo terminasse rapidamente no abysmo verde e liquido. Desse torpor, desse máo estar, fui arrancado pela apparição de Sabino. Vinha vestido de pirata. Todo de branco, com uma larga facha vermelha, carapuça vermelha, trazendo dependurada na facha uma grande faca com bainha de couro. O ser imaginativo, que era Sabino, compuzera aquella fantasia, segundo a imagem de algum quadro. Apesar de ter vivido

sempre sobre a agua, pescando na bahia, ou no serviço de abastecimento de carvão aos vapores, Sabino nunca vira o alto mar. Era a sua primeira viagem, e a imaginação o escandecia. Não enjoara. Gosava as delicias do vento solto, das vagas agitadas em liberdade. Não tardou em se familiarizar com o oceano, com o vapor, com a equipagem. Durante o tempo em que o enjôo me confinara no camarote, elle vinha com uma solicidade paternal dar-me laranjas, limonadas, gelados, para combater a minha angustia. Contava-me as suas novas impressões, os incidentes de bordo e a imposição que recebera para recolher a faca de pirata, o que lhe parecia idiota. Cada hora nós entravamos mais pelo grande mar e no balanço do vapor a vigia era um oculo de cosmorama, em que eu via o oceano azul, vagas brancas, gaivotas, vapores, navios a passar, e lá ao longe, a costa arenosa. No terceiro dia, a areia da costa se tornou mais alva, as praias de areia mais descam-

padas, morros de areia branca e sobre ellas o sol brilhante. As aguas se transmudaram de azul em verde, as jangadas appareceram veleiras, destemidas, tudo brincando no espaço alegre e luminoso. Era o Ceará. O balanço do vapor afrouxara e foi do tombadilho que eu assisti á chegada na entrada de Fortaleza. Ainda o vapor não parara, já uma infinidade de jangadas o cercaram e as mais ousadas se agarravam ao seu costado. Apreciei o aspecto dos jangadeiros da mesma raça, que eu vira no Maranhão, nos retirantes cearenses. Apreciei a sua linguagem cantada, as suas exclamações, as suas pragas, as suas injurias. A bordo, o reboliço era enorme, um desafogo em todos os semblantes libertos do enjôo. Os jangadeiros solicitavam passageiros para terra, vendiam passaros, graúnas, corruptions, macacos, sauins, vendiam cocos, rapaduras, bolos de milho, tudo ostentando uma fartura incrível na terra da secca e da desolação. Não tardei, com alguns estudantes,

a tomar uma jangada para ir para terra. Sabino veio conosco, sempre vestido de pirata, mas desta vez com o seu facão e intrigava os jangadeiros desconfiados. Não havia cáes ; o desembarque era na areia da praia. O transporte na jangada era um encanto. A leve e fragil embarcação de vela aberta e cheia de vento, vinha no dorso das vagas, fagueira e veloz. Nós exultavamos, dominadores daquelle mar verde, mar de praia, mas sempre mar livre, sem porto. Ao approximarmos de terra, uma chusma de homens de ceroula e camisa avança para nos arrancar da jangada. No atropelo, os jangadeiros esqueceram de tirar a bolina que arrastando na areia, fez, virar a delicada embarcação e nós, bumba nagua ! A gente de terra nos soccorre, nos carrega e nos deposita na areia, molhados. Assim atravessamos o jardim que leva á cidade e no alto entramos num hotel, onde o nosso primeiro cuidado foi fazer seccar as roupas. Essa primeira chegada

ao Ceará ficou inesquecível e nas outras vezes que ali aportei, tomava todas as precauções e vigiava os jangadeiros descuidados. Felizmente o vapor dormiu no porto e as nossas roupas seccaram e pudemos passear pela cidade. Aquelle casario miudo, branco, me separava dos casarões coloniaes do Maranhão. As calçadas cheias de familias sentadas a tomar o fresco da tarde, o tom plebeo, democratico, da cidade tão differente do Maranhão, a raça cabocla dominando a negra, o sol ardente, os areiaes brancos, os coqueiros, os comoros, tudo me dava a impressão de haver aportado na costa marroquina, sem a arte mussulmana, terra pobre, deserta, de beduinos e ciganos. A' noite, no passeio publico, nesse jardim crestado, que me recebeu pela manhã, a banda de musica a tocar, as cearensinhas, sem chapéos, risonhas, atiradas, tão differentes das maranhensinhas sizudas e preterenciosas, desfilavam joviaes para nós e tudo me parecia novo, extranho, encantador. Foi

o primeiro contacto com uma cidade diferente de minha velha terra. Que delicia e que perspectivas para o meu espirito curioso me abria o mundo !

Proseguiu a viagem. Sempre á vista, praias e coqueiros. O mar continuava verde, quando no dia seguinte, paramos na barra de Natal. O vapor ficara fóra. Desolação da paisagem ardente. Ninguém saltara. Vinham de terra em jangadas e escaleres passageiros, na maioria estudantes. A' noite, era a grande reunião dos estudantes, as vaias nos calouros, os juramentos obscenos destes, a collecta para o almoço colectivo na Parahyba, pago unicamente pelos calouros, que na algazarra, nas correrias, eram judiados pelos veteranos. A minha pouca idade me protegia das maldades, ás vezes exageradas, mas não me defendia de ouvir a linguagem ímunda dos meus collegas. Naquelles seis dias de tal viagem, aprendi mais pornographia, do que em todo o meu tempo do Maranhão.

Já na entrada da Parahyba, o mar se torna alvo, recebendo o rio. A paisagem é de uma doçura primitiva, agua branca e mansa, vegetação moderada, praias suaves e coqueiraes carregados de frutas. No Cabedello, debaixo das arvores, defronte do casario miudo, aos olhos curiosos da gente morena e descuidada, bebia-se agua de côco verde e almoçava-se peixe fresco ensopado, cheirando a tomate e a pimenta de cheiro. Os estudantes não gosavam desse encanto simples, que os outros passageiros, fugindo á promiscuidade, vinham fruir socegadamente. Em escaleres e ás vezes em lanchas a vapor, a leva de estudantes ia para a cidade. Ahi, os dirigentes do bando encomendavam o tradicional almoço, enquanto companheiros se espalhavam para a cidade a fazer suas estrepolias, que causavam a principio riso á gente da terra e depois indignação e repulsa armada. Esses movimentos contradictorios eram justificados pelos excessos da fantasia dos estudantes.

Vaiavam os personagens graves, penetravam na Assembléa provincial, perturbavam as sessões com assuadas ou fazendo discursos bestialógicos, debandavam pelas ruas, invadiam casas, lojas, em gritarias, tomavam objectos sem pagar, provocando disturbios. Desfilavam pelas pedregosas ruas, conduzindo calouros amarrados, com orelhas de burros, insultavam as pacificas gentes, que subitamente se revoltavam e os aggre- di
am a pedradas. Uma feita, os estudantes surgiam nas ruas mascarados. Era em plena quaresma, quinta-feira santa. A indignação da população foi ao auge. Magotes de homens colericos correram os estudantes a pedra, e vieram sobre elles, armados de cacete e faca. Oh! desabalada corrida da estudantada para o porto, para tomar os escaleres! Felizmente ali encontraram o commandante do vapor que os protegeu e os salvou.

Na Parahyba, cessava o tumulto alegre dos rapazes. No dia seguinte, o vapor

amanhecia em Recife. Senti uma deslocação violenta das perspectivas a que estava habituado, quando me vi mettido nas pedras do recife que quebrava o mar e formava o acanhado porto, em frente ao forte do Brum e em face da torre de Malakoff. A construção da cidade era extranha, sobrados esguios de varios andares. A Lingueta, de arvores sombrias, cheia de maritimos e de vadios, era tão differente da pelada rampa e do baluarte do Maranhão e das praias núas e ardentes do Ceará. Eu vinha endereçado a um estudante veterano que meu pae conhecera em suas passagens pelo Maranhão com destino ao Piauhy, sua terra. Trouxe-me elle do vapor para a sua *republica* na rua do Hospicio. Foi a mais penosa transposição que soffri. Sahir da minha vasta casa paterna, dos meus mirantes, dos meus quintaes, para metterem-me em um casebre de meia morada, sem assoalho, com um mesquinho terreno, ter como meu quarto um espaço de tres metros de compri-

mento e metro e meio de largura, dormir em cama de vento e me servir de uma estricte e pobre mobilia, foi um sacrificio que me impunha resignação. O meu temperamento não se conforma, mas submettido á disciplina, não se revolta por coisas mediocres e mesquinhas. Posso passar do estado de maior conforto ao da maior miseria, sem indignação. Só quero conservar em tudo, integra, a minha liberdade espiritual.

Confinado no meu quarto, esperava na maior desolação que se abrisse a Faculdade, para me occupar. Sabino tambem entristecera. Consolavamo-nos, os dois, nas recordações do Maranhão, e com os doces que trouxemos e que serviam para mitigar a fome que soffriamos com a exigua comida da *republica*. Os companheiros de casa, com excepção do piauhyense, eram infectos. Viviam desmazeladamente, sem o menor pudor, e distantes de qualquer preocupação intellectual. Andavam nós pela casa, ber-

ravam palavrões e devoravam a comida que vinha de fóra e deixavam-me em jejum. A audacia delles não poupava os meus objectos, de que se apropriavam para uso commum e das minhas roupas em que se enfiavam, apezar de serem homens corpulentos e eu ainda uma criança.

Uma tarde, ao chegar á *republica*, vi um pugilato de Sabino com um delles que havia arrombado a minha mala e della retirado algumas camisas. Sabino que removia esses abusos e essas miserias, avançou energicamente para o arrombador e, mais forte do que elle, o sovára a valer. Foi como cessou a depredação dos meus companheiros de casa, que me mostravam curiosos aspectos da humanidade. Nada communiquei a meu pae. Elle, na sua grande bôa fé, tinha escolhido tal *republica*, preferia soffrer tudo a dar-lhe uma tristeza. O respeito a meu pae me governou muito nesse primeiro anno da Academia. Tinha-lhe promettido recolher-me todas as noites

às 9 horas. Não havia convites, seducção, passeio, riso, esgarceo, ameaças dos collegas, que me fizesse faltar a esse compromisso. Quantas vezes, não vim correndo para a casa, deixando a mais interessante companhia, quando soava na matriz da Bôa-Vista, a primeira badalada das nove horas. Sabino me esperava confiante. Fechavamos-nos no meu quarto. Recordavamos o nosso Maranhão. Falavamos nos queridos ausentes e eu, incredulo, agarrava-me na solidão, no vazio de toda aquella primeira vida de estudante, aos santos, que minha mãe me déra e que vieram commigo, São Luiz Gonzaga, patrono dos estudantes, a quem eu fôra consagrado, São José, santo do meu nome. Esse martyrio obscuro, informe, ia cessar. Abrira-se o concurso para professor substituto da Faculdade. Foi o concurso de Tobias Barretto. Eu já havia iniciado os meus estudos na Academia. O que me ensinaram de philosophia do direito, eu não entendia. Era superior ao

meu preparo, e professado sem clareza, sem o fluido da communicação. José Hygino, o pesado, mestre spenceriano, nos enjoava e nós não o entendíamos. A outra materia era o direito romano mais comprehensivel, porem, que professor calamitoso era o velho e ridiculo Pinto Junior ! O concurso abriu-se como um clarão para os nossos espiritos. A electricidade da esperanza nos inflamava. Esperavamos, inconscientes, a coisa nova e redemptora. Eu sahia do martyrio, da oppressão para a luz, para a vida, para a alegria. Era dos primeiros a chegar ao vasto salão da Faculdade e tomava posição junto á grade, que separava a Congregação da multidão dos estudantes. Immediatamente Tobias Barretto se tornou o nosso favorito. Para estimular essa predilecção havia o apoio dos estudantes bahianos ao candidato Freitas, bahiano e cunhado do lente Seabra. Tobias, mulato desengonçado, entrava sob o delirio das ovações. Era para elle toda a admiração da assistencia,

mesmo a da emperrada Congregação. O mulato feio, desgracioso, transformava-se na arguição e nos debates do concurso. Os seus olhos flammejavam, da sua bocca escancarada, roxa, movel, sahia uma voz maravilhosa, de multiplos timbres, a sua gesticulação transbordante, porem sempre expressiva e completando o pensamento. O que elle dizia era novo, profundo, suggestivo. Abria uma nova época na intelligencia brasileira e nós recolhiamos a nova semente, sem saber como ella frutificaria em nossos espiritos, mas seguros que por ella nos transformavamos. Esses debates incomparaveis eram pontuados pelas continuas ovações que faziamos ao grande revelador. Nada continha o nosso enthusiasmo. A Congregação humilhada em seu espirito reaccionario, curvava-se ao ardor da mocidade impetuosa. Proseguimos impavidos, certos de que, conduzidos por Tobias Barretto, estavamos emancipando a mentalidade brasileira, afundada na theologia, no

direito natural, em todos os abysmos do conservatismo. Para mim, era tudo isto delirio. Era a allucinação de um estado inverosimil que eu desejava, adivinhava, mas cuja realização me parecia sobrenatural. Tobias Barretto fez a sua prova de prelecção oral. O orador attingiu para a minha sensibilidade ao auge da eloquencia. Quando terminou, recebeu a mais grandiosa manifestação dos estudantes, a cujo entusiasmo adheriram os lentes unanimes. Foi então que, tomado de um impulso irreprimivel, saltei a grade e por entre as acclamações dos estudantes e deante do assombro da Congregação, atirei-me aos braços de Tobias Barretto, que me recolheu comovido e generoso. “Já é academico?” perguntou-me, admirado da minha pouca idade. “Sim, calouro.” Abraçou-me novamente. “Pois bem, vá á minha casa esta noite.” Que deslumbramento! Não voltei aos meus collegas. Fiquei por ali mesmo, mettido em algum canto da sala da Con-

gregação e sahi acompanhando, como uma pequenina sombra, o Mestre. A' noite, eu estava em sua casa em Afogados. Nunca mais me separei intellectualmente de Tobias Barretto.

São passados mais de quarenta annos desse grande choque mental, e ainda resinto em mim as suas ineffaveis vibrações. Por elle me fiz homem livre. Por elle sahi dos nevoeiros de uma falsa comprehensão do universo e da vida. Por elle affirmei a minha personalidade independente e soberana. A lição de Tobias Barretto foi a de pensar desassombradamente, a de pensar com audacia, a de pensar por si mesmo, emancipado das autoridades e dos canons. A sua primacial acção foi destructiva. Naturalmente. No Brasil ha sempre muito que destruir. Mas ao mesmo tempo que a sua critica destruia, novas perspectivas surgiam para a cultura, novas bases para a intelligencia se firmavam. Para se avaliar o que foi a acção de Tobias Barretto, basta attender o que

eram os estudos de direito antes d'elle e depois d'elle. Sahiamos da disciplina de Braz Florentino, de Ribas, de Justino, para as lições de tantos mestres emancipados. O Codigo Civil brasileiro, construcção de Clovis Bevilacqua, se filia á inspiração de Tobias. A critica se renova por elle. Sylvio Romero, Araripe e o proprio José Verissimo são seus discipulos. A nossa mesquinha philosophia, o que tem de mais intelligente, vem da libertação do grande mestre do pensamento livre. Ainda hoje se pode dizer como se disse de Kant, que voltar a Tobias é progredir. As grandes alavancas com que combateu a velha mentalidade brasileira, foram o transformismo, o monismo, o determinismo. Todas estas forças, por maiores que sejam as modificações das interpretações que receberam, estão vivas e zombam dos ataques innocuos e estafados dos theologos. Si não é possivel comprovar o mecanismo do transformismo e si o conceito deste variou com as hypotheses da mutação

e da genetica mendeliana, é impossivel a certeza scientifica do criacionismo. A hypothese da criação será uma hypothese sentimental. O monismo de Tobias Barretto não é o monismo inflexivel do mecanismo haeckeliano Tobias Barretto, kantiano imperterritito, admite no conceito do monismo philosophico a parte do sentimento, que o movimento para elle não explica. Ha o mecanicamente inexplicavel de Kant, que é uma brecha no monismo integral, levando ao dualismo. Tambem hesitou em afastar totalmente o finalismo, admittiu a hypothese do acaso, e assim destruiu, pela base, a concepção mecanista do universo. Estas hesitações de Tobias Barretto, de que os seus adversarios theologos não souberam até agora tirar partido, se explicariam pelas reacções sentimentaes, pela disparidade entre a evolução da intelligencia e a do sentimento, que elle maravilhosamente explicou e generalizou. Onde Tobias Barretto não vacillou, foi na repulsa

do direito natural. Para elle o direito não é anterior á sociedade, é um producto cultural desta. Só por isso, o seu serviço ao pensamento juridico, foi incommensuravel. Caiu por terra toda a construcção erronea do direito e no Brasil entrou uma rajada de pensamento livre, de cultura moderna, que fecundou numerosos espiritos e está se desenvolvendo na insurreição mental que leva de vencida as reacções de toda a ordem. Ninguém trouxe tamanha contribuição á cultura neste paiz. Pela vastidão da intelligencia, pela actualidade da orientação, pelo realismo no pensamento, pela instrucção dos novos valores scientificos e literarios, pelo desassombro, pela dialetica, Tobias Barretto foi o maior homem do Brasil até hoje, não excedido, nem mesmo igualado por nenhum outro. Foi um precursor, não sómente no direito e na philosophia, mas tambem na critica literaria e musical. Foi o primeiro brasileiro que definiu Wagner e deu-lhe a supremacia na musica

moderna, reduzindo os meritos, então muito apregoados, de Meyerbeer. Foi o primeiro que, em 1880, comprehendeu e assignalou Walt Whitman, que estava reformando a poesia moderna. Em 1882, apontou a grande novidade que Aluisio Azevedo trouxera á literatura brasileira com o *Mulato*. Em nada lhe faltou o genio divinatorio e si por acaso foi injusto, não deixou de perceber o alto merecimento dos seus adversarios, quando estes o tinham, e os combatendo, prestava-lhes grande homenagem. Todo esse assombro, eu colhi na propria fonte, da convivencia de Tobias Barretto e a vida passou a ter para mim um sentido fabuloso, o da intelligencia do universo. O que me sustentou na adolescencia e me livrou do desespero em que succumbiram ou se perderam muitos jovens, foi esta aspiração á cultura scientifica. A certeza que eu tinha, embora precipitada e presumpçosa, me contentava. Della se originou uma metaphysica, pela qual eu me integrei no Cosmos e

me resignei a ser um accidente do universo. Esta salutar resignação deu-me a calma e a força de proseguir no desenvolvimento espiritual. Não conheci as famosas crises da mocidade, não hesitei entre a religião e o materialismo. Decidi-me muito cedo, serenamente, por este. Não fui um momento sequer vitalista, criacionista, finalista. Fui religiosamente determinista, mecanicista, monista. E quando hoje vejo de novo restabelecidas e victoriosas, nas suas bases essenciaes, estas ideas, que me fanatizaram na juventude, sinto-me arrebatado por uma grande e ineffavel alegria.

Nesta allucinação cerebral, os meus sentidos se entorpeciam e a minha puberdade não recebia choques sexuaes perturbadores. A machina de pensar se desenvolvia em mim atrophando ou amortecendo o mecanismo sensual. Nem mesmo a paizagem interior do Recife me enfeitçava nesse primeiro anno. Só mais tarde gosei o encanto das pontes, que atravessava chupando role-

tas de canna, deliciei-me com as margens do Capiberibe, a magia de Magdalena, da Torre, da Ponte de Uchôa, com os banhos do Beberibe, de Apipucus e de Caxangá. Nesse primeiro anno o tempo era pouco para absorver o alimento intellectual que recebia de Tobias Barretto. Destaquei-me dos meus infectos companheiros de *republica*, reduzindo ao minimo a nossa forçada convivencia. Agrupei-me com os ardentes da Faculdade, formei no rancho dos estudiosos, dos innovadores, dos rebeldes. A primeira marca de revolta que dei, foi por occasião da eleição do representante dos academicos, na commemoração abolicionista de 28 de setembro. O nosso candidato, o poeta Martins Junior, era combatido pelo candidato bahiano Felinto Bastos. Este sustentado pelo lente Seabra, naquelle tempo o mais desenfreado reaccionario dos professores. Nós, os avançados, o detestavamos e elle não nos poupava. Na eleição tão disputada, a urna foi fraudada. Seguiu-se

um tumulto diabolico. A eleição foi interrompida, os estudantes partidarios de Martins Junior sahiram, carregando a urna vi-ciada pelas ruas e fomos nos reunir na *republica* maranhense de Benedicto Leite, Urbano Santos e Francisco Viveiros de Castro, chefes desse movimento abolicionista-academico. Foi redigido um protesto contra a fraude que se attribuia á inspiração do então joven Seabra. Quando foi o momento de o assignar, fui o primeiro a escrever meu nome, debaixo de applausos dos collegas. Fiquei altivo com este acto de independencia e o menino calouro já conhecido pelo seu pequeno tamanho e pela sua pouca idade, notabilizou-se pela sua coragem. Essa attitude valeu-me a consideração dos maranhenses e a amizade de Martins Junior, de quem passei a ser companheiro, apezar da differença de idade. Eu o seguia nas reuniões publicas, filiei-me ao seu grupo republicano, e como elle era discipulo fervente de Tobias Barretto, a

ossa affinidade se completava. E' verdade que nem nos escriptos, nem nas lições, em nas conversas do nosso mestre encontravamos apoio philosophico ou politico para as nossas idéas republicanas. Decididamente eu estava em estado de graça para receber fascinações. A' fascinação de Tobias Barretto veio juntar-se a de Martins Junior. Não tinha esta a força absorvente da outra. Tinha muita doçura, que tornava Martins Junior encantador. Do meu segundo anno até a formatura, vivi no grupo desses republicanos ardentes e ahi o meu temperamento apaixonado se refinou. Fui dos mais exaltados e mais radicaes. Toda a vez que uma idéa me toma, ella se converte em sentimento absoluto, exclusivo, e me governa. Assim fui abolicionista, republicano, anarchista, alliado, modernista e revolucionario. No primeiro momento, no periodo do curso, o grupo de Tobias Barretto se fortalecia nos seus adeptos Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, Gumer-

cindo Bessa, Fausto Cardoso, Oliveira Telles, Phaelante da Camara, Souza Bandeira e entre outros menos expressivos, Urbano Santos, Benedicto Leite e Francisco Viveiros de Castro. Foram estes os principaes representantes da "escola do Recife", inspirada tambem por Sylvio Romero. Os que mais possuiam a iniciação secreta de Tobias Barretto, os que mais participavam das suas confidencias e o seguiam muito de perto, eram sem duvida Arthur Orlando, Gumercindo Bessa e Fausto Cardoso. Os outros tinham profundas ligações, mas por alguns lados escapavam á disciplina do mestre. Assim Martins Junior era republicano e vinha do positivismo. Clovis Bevilaqua tambem recebera na iniciação positivista o toque da emancipação. Para ambos, a sociologia era a sciencia instituida por Auguste Comte e jamais a repudiaram. Ao passo que Clovis Bevilaqua desenvolvia o seu espirito nas experiencias juridicas e nellas adquiriu a mestria pela orientação e

pela cultura, Martins Junior se tornou homem de partido. Emquanto foi preciso demolir a monarchia, a sua actividade foi util e fecunda. Finda a batalha, a insufficiencia do seu espirito se patenteou para a organização politica e mesmo partidaria. Faltaram-lhe a habilidade de conduzir, a orientação de mandar, o conhecimento pratico. Ficou um vago demagogo que se desequilibrou nas contingencias da realidade, improductivo, inutil. Esse phenomeno de homens combatentes, demolidores, se tornarem imprestaveis constructores, está se repetindo na organização revolucionaria de 1930. Ninguem fanatizou Pernambuco e todo o norte, como Martins Junior, no advento da republica de 89. O seu fim foi lamentavel.

Não acompanhei Martins Junior nas suas experiencias da poesia scientifica, como tambem fiquei fiel á orientação philosophica de Tobias Barretto. As nossas affinidades eram principalmente nos problemas sociaes,

abolição e republica. A esses movimentos fui seguramente levado mais pelo sentimento do que pelas idéas. Devia ser indiferente a um iniciado no darwinismo a escravidão do mais fraco pelo mais forte, e também a organização monarchica da sociedade, como a do universo pelas leis da attracção e da gravitação. Mas o sentimento humanitario reagiu sempre em mim e determinou a minha conducta. Por outro lado, sou hereditariamente revolucionario. Essa fatalidade me impõe a ansia da libertação, o furor de mudar o mundo, e tudo transformar.

Taes foram as directivas, que recebi, no meu primeiro anno. No principio apenas recolhi as sementes, que iriam germinar mais tarde. Essa fecundação espiritual era muito violenta e inebriante. Absorvido nella, pude supportar os soffrimentos, que me causavam as miserias da *republica*, e atravessar puro, num halo de innocencia, as torpezas que me armavam os meus abjectos companheiros. Já eu assignalei essa reserva de pureza



*Republica á rua dos Coelhos n. 20, no Recife
(1885).*

que levei para o Recife e que me mantinha em estado de candura. A essa pureza devo juntar o estado de magia que me vinha da embriaguez do conhecimento, da aspiração de penetrar nos segredos do universo. Foi o milagre de Tobias Barretto em mim. O milagre da libertação.

Exames concluidos, volta ao Maranhão para as primeiras ferias do academico. Para quem sahia como eu, da sarça ardente do pensamento e da acção intellectual, a viagem, que na ida me deslumbrara, era agora triste desencanto. Escapava-me o sentido objectivo da paizagem. Esta me interessara pelo seu angulo subjectivo. Voltando, não era eu o mesmo, que recebia alegremente as revelações das terras, das praias e dos mares differentes do Maranhão. O meu estado de espirito me separava do ambiente e me concentrava nas meditações abstractas. Assim cheguei ao Maranhão. Recebi logo o choque da desolação. Aquelle triste porto, aquellas corôas de areia, aquellas

aguas baixas, me acabrunhavam. Desde a rampa, onde o escaler me deixou, me veiu a invasão do silencio. Recife certamente não é uma grande e ruidosa metropole. Mas para mim, naquella epoca, era o movimento e a agitação, emquanto a minha cidade tinha recuado muito no tempo e se paralyzara. No largo do Palacio, onde era a velha moradia, capinavam os calcetas da cadeia e pastavam carneiros e cabras. Debaixo das vastas amendoeiras, os mesmos moleques de sempre atiravam pedras aos frutos, que jamais elles deixam amadurecer. Na minha casa, agora desencantada, aquecia-me a infatigavel ternura dos meus paes. Uma athmosphera de admiração me envolvia e meu pae era o seu inspirador. Eu não me sentia equilibrado nesse velho mundo agora extranho para mim. Era uma criança que voltava á familia. Não era bem um estudante emancipado, mas sentia-me separado do meio familiar. O paladar era o unico sentido que me prendia

ao meio maranhense e na sua desforra, a alegria que me integrava no velho Maranhão. Eu pedia a minha mãe que me desse as comidas mais populares da cidade, o carneiro da tia Carolina, que passava ás 9 horas da manhã, a cangica de Dona Monica ás duas horas da tarde, o dez-reis-só das negras minas, cocada puxa de mel escuro, os alfinins, os confeitos, as amendoas dos taboleiros de doce da tarde, e o peixe frito e o arroz de cuchá da noite. Era um regalo tudo isso, que me matava a fome trazida da *republica* e me consolava. Emquanto os outros estudantes folgavam nas dansas familiares e nos calacearios, eu me recolhia á solidão da casa. As moças me achavam muito menino. Quatorze annos apenas. O pudor e a educação me afastavam da gandaia. Deliciosos serões com minha mãe. Ella era uma grande devoradora de romances. Quando as provisões que o carinho de meu pae sempre entretinha, se extinguiam, havia o recurso da bibliotheca

do Gabinete Portuguez de Leitura. A velha Militina era a mensageira dos livros. Minha mãe dispensava nas noites de novidade literaria acompanhar meu pae ás suas visitas. As crianças estavam recolhidas. Só eu velava ao seu lado. Enquanto ella absorvia, eu ensaiava escrever dissertações de philosophia e de direito, que eram reminiscencias das colheitas das lições de Tobias Barretto. Raramente eramos interrompidos, porque, segundo os costumes, as visitas se annunciavam pelas criadas, que, durante o dia, vinham “tirar licença” para as suas senhoras. O que appareciam ás vezes, eram pedintes, sempre soccorridos. Ou então a visita de duas velhinhas esqueléticas e miudas. Minha mãe repousava o livro e as ouvia complacente. Vinham vender bonecas de panno que faziam. Sobre a mesa, ostentavam bonecas vestidas de bahiana, portuguezas, saloias, francezas de anquinha. Bonecas núas, brancas, mulatas e pretas. Depois dessa mostra, as velhinhas retira-

vam sorrateiras, do balaio, outras bonecas que traziam escondidas e muito cautelosas apresentavam bonecas que chamavam *perfeitas*, peitudas, sexuadas, pelludas. Essa nudez desenvergonhada da mulher, mesmo assim em effigie de panno, alvoroçava doidamente a minha virgindade curiosa. Minha mãe corria com as exquisitas velhas da sua casa, onde ellas tornavam cynicamente para o meu prazer imaginativo.

Outra diversão dessas minhas primeiras tristes ferias eram os passeios a cavallo para fóra da cidade. Eram jornadas maravilhosas, organizadas por meu pae para a minha diversão. Elle não me acompanhava. Eu ia de bando com os tios moços e com alguns primos. Seguíamos pelo caminho grande, a unica estrada que leva para o Cutim e dahi até o Anil, Villa do Paço e São José do Riba-mar, com a bifurcação do Turú. Eram manhãs quentes, em que o sol come as côres e torna tudo luz. No Cutim, toca a despir e a cahir nagua fresca

e lodosa do regato. Monta-se de novo, um bom galope, passa-se nas sombras de Saramanta, chega-se aos alagados do Anil, espantam-se as lavadeiras e segue-se até o encantador Paciencia, onde me esperam as já burguezas primeiras recordações do seu encontro. E' a Maioba, o sitio de Martinus Hoyer, das ferias de meu pae, e mais longe o sitio do Fernando das Cuias. Este era curioso artista que havia descoberto ou continuado o segredo de pintar cuias com tintas indedeveis e brunil-as com um verniz maravilhoso. Ahi estacionavamos. O velho, artista cego, estava na sua pequena, humilde officina. As filhas, raparigas formosas, o ajudavam. A nossa presença tudo transformava. O velho encantava-se em trabalhar sob a nossa admiração. As filhas, sem mãe, tratavam de nos obsequiar. Subitamente o velho ficava abandonado pelos rapazes. Só eu, o mais criança, permanecia em sua companhia. Os outros embarafustavam pela casa a dentro em busca das mo-



GRAÇA ARANHA no anno da sua formatura
(1886)

ças e logo se ouviam gritinhos gostosos das perseguidas, correrias pelo terreiro, dos rapazes atraz das raparigas, que eram por elles apanhadas sob a alegria de beijos violentos e cubiçosos. A caça não tinha melhor resultado. Parava nessas caricias, cheias de esperança.

Março chegou e voltei a Pernambuco. O vapor repleto de estudantes. Na minha qualidade de segundo annista cabia-me ser perseguidor dos calouros. Preferi ser o protector. Todos eram mais velhos do que eu e nada mais agradável á minha vaidade do que os proteger. Obstava as judiarias excessivas e com doçura vencia os impetos das grosserias dos veteranos. A aureola da *sympathia* foi me acompanhando durante todo o curso academico.

O meu primeiro acto de independencia ao voltar ao Recife, foi o de abandonar a dolorosa *republica* do meu primeiro anno e ir morar com estudantes maranhenses. Nesse meio quasi familiar e tão affectuoso,

senti-me á vontade. Sahi das mortificações, das scismas e do isolamento, que tanto me acabrunharam para uma livre animação do meu temperamento. Principiei a ser verdadeiramente um estudante. Expandi-me nas brincadeiras juvenis, vadiiei pelas ruas em grupos barulhentos, formei nas manifestações academicas de protestos contra a policia, fui alegre e ruidoso. Por esse tempo descuidado, tomei conhecimento mais intimo com a cidade e fiquei encantado com a sua paizagem e com a dos arredores..

(Aqui termina o manuscripto de Graça Aranha)

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).